FON FON
ANNO XXV
Dezembro
PREÇO
MC 931

BAYER

Segurança

"Segurança"! Não ha precaução que baste quando se corre um perigo por mais remoto que pareça.

CLARA e evidente como a luz solar é a virtude caracteristica da

CAFIASPIRINA:

absoluta efficiencia, junto á inoffensibilidade de sua acção sobre qualquer orgão.

É tal virtude que a faz ser universalmente conhecida como

o producto de confiança.

O seu effeito é immediato contra qualquer dôr, de dentes, de cabeça, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras. Levanta as forças e produz um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de 1 comprimido.

O conto brasileiro

UM LOGAR MELHOR

De ODILON D'ALENCAR

EU, como já não pertenço a este mundo, mas sim a um Planetário, onde tudo é grandioso e bello, onde o peccado não encontra abrigo, posso falar-vos sem maldade, sem malicia alguma, mesmo porque o meu estado actual, purissimo, quinta-essencia, não me permitte ter sentimentos inherentes á humanidade terrena. Quando deixei o meu corpo para todo o sempre, parti celere pelo espaço e fui bater á porta do céo.

Attendeu-me um velhinho de barbas brancas, sympathico, sorridente, e de vóz meiga como a vóz de uma creança. Era S. Pedro, o porteiro da celestial mansão.

Enleiado, eu nem sabia o que dizer, quando elle, comprehendendo o meu natural embaraço, pousou sua alva mão sobre o meu hombro e me falou docemente:

— Chegaste depréssa, meu filho. Viéste de taxi?

— Não, meu santo: vim a pé. Os anjos *chauffeurs* queriam muito caro pela corrida...

— São uns aproveitadores! A mesma coisa que os *chauffeurs* do Rio em dias de aguaceiro... Ainda organizarei uma linha de omnibus daqui á Terra. Depois... Elles que se arranjem! Aproveitadores!... Mas... Vou consultar os meus apontamentos a teu respeito.

O veneravel velhinho penetrou numa guarita junto á porta de entrada e, abrindo um enorme livro, correu o dedo indicador por uma das paginas. Lá estava o meu promptuario, perfeito, sem uma virgula a mais ou a menos!

Escripta a carmim, no meio da pagina, vi esta unica nota que me desabonava:

> 20 de Maio de...
> *Beijou, á força, sua prima Lili. Si fosse com o seu consentimento... passaria.*

Entretanto, essa nota deveria ter sido escripta pelo secretario particular de S. Pedro, porque, como um addendo á mesma, li, satisfeito:

> *Ha de passar! Ella não consentiu, mas gostou!*
>
> (a.) *Pedro*

Que psychologo formidavel da alma feminina é S. Pedro!

Acabando elle de verificar o seu livro, disse-me, com uma vóz mais doce ainda:

— Si quizéres, meu filho, poderás ficar. Não tens peccado algum de... importancia.

— Posso entrar, então?

— Um momentinho.

E, chegando-se mais a mim, sussurrou-me aos ouvidos:

— Aconselho-te a que não entres...

— Aqui não é o céo?

— Céo? Lorótas! Não vês a trabalheira que eu tenho? Olha: isto não te serve... Não te serve!

— Por que?

— Para um jovem como tú, sem peccados de importancia, ha logares melhores. Por exemplo: a Estrella da Ventura é um optimo lugar. Bom clima, bons hoteis, bons...

— E aqui é o céo! — respondi, teimando.

— Mas não te serve!

— Por que, meu santinho? Eu queria tanto conhecer o céo...

— Porque — e S. Pedro olhou para os lados baixando mais a vóz — aqui ha mulheres...

— Oh! Mais uma razão para eu ficar!

— Não comprehendes que, havendo mulheres, há, tambem, sogras?!

— E' verdade! Mas existem algumas que são bôas pessôas...

— Ingenuo! Ingenuo! Bôas ou más ellas são sempre a mesma coisa: sogras!

O argumento era irrespondivel. Parti, no mesmo instante, num taxi fretado pelo proprio S. Pedro, afim de que eu não fosse explorado, para a Estrella da Ventura, o paiz, sem mulheres, onde, por esta unica razão, consegui attingir a maxima perfeição.

Hoje, sou uma alma eleita e, de quando em quando, venho visitar a Terra num dos omnibus da companhia que S. Pedro acabou mesmo organizando, em commandita simples, com outros santos judeus.

Que a minha pureza fique comvosco.

• • •

Sei que os senhores não acreditam patavina do que acabaram de ler. Mas é que os senhores são materialistas profundos e o que lêram representa simplesmente uma communicação psychica que a minha sogra, que é uma excellente *medium*, ("media" é como lhe ficava melhor) recebeu hontem, inesperadamente, em nossa sessãozinha espirita. Não sei qual foi o espirito que a escreveu, mas tenho a certeza de que assim que minha sogra resolver desencarnar, elle há de se haver com ella...

Olá, si ha-de!

OS DOIS AUTOS

UM pequeno auto vermelho seguia a longa estrada. Seu conductor não parecia absolutamente preoccupado em dar uma velocidade excessiva. Sem duvida era um homem de temperamento calmo. Para proteger-se do vento, trazia grossas lentes negras e o boné estava exageradamente enterrado.

O tempo estava bellissimo. A direita e á esquerda, nos fossos, os coelhos corriam. A' passagem do carro, uma pequena mancha branca na folhagem assignalava a fuga dos mesmos. Apenas, no céo, havia algumas nuvens pallidas, como que para sublinhar a intensidade do azul que dominava.

De repente, um longo businar parece sahir do sólo. Um grande auto surgiu. O *chauffeur* péde ao do carro pequeno que lhe céda a passagem.

E' de crêr que o homem calmo, de grandes lunetas pretas, cobriu de mais as orelhas, ou que o ruido do proprio motor o impéde de ouvir, pois o pequeno carro vermelho conserva o meio da estrada.

O businar augmenta. Torna-se raivoso. Os coelhos, precipitadamente escondem-se nas tócas. Acham que é o fim do mundo, que chega, já que elle só veria dahi a uns dias, para elles, com o inicio das caçadas.

Os *chauffeurs* dos grandes carros soffrem physicamente quando são obrigados por alguma circumstancia imprevista a diminuir a velocidade. Tinham adquirido uma marcha que esperavam manter. Vêm-se forçados a reprimir as forças. E' como si lhes cortassem braços e pernas.

Emfim, o pequeno auto vermelho ouviu os appellos angustiados. Toma para a direita. O grande auto passa, não sem que o *chauffeur* grite pela portinhola:

— Não podias desviar, seu tratante...

Desapparecendo de pressa no horizonte, o bolido, o campo retoma o aspecto tranquillo. O pequeno auto vermelho, que de longe parece um insecto, não destróe em nada sua harmonia. Elle segue feliz o seu caminho, ainda que sem historia.

Trinta kilometros adeante, um outro fonfonar resôa por detraz. O homem pacato não o ouve tão pouco.

Si se voltasse, veria que se tratava do mesmo grande carro de antes. Este havia parado á uma aldeia para tomar gazolina. Deseja ter a estrada livre para recuperar o tempo perdido.

Um segundo, depois um terceiro busina! O *chauffeur* que quer passar, impacienta-se ainda mais quando reconhece logo o pequeno auto vermelho. Como está acompanhado de duas jovens, o amôr-proprio entra em jogo:

— Ainda esta pulga na nossa frente! diz a primeira.

— Que pulga, microbio! diz a outra...

Passados tres minutos, que parecem uma eternidade, o homem de lunetas pretas percebe que está sendo seguido. Toma a direita, mas em vez de lhe passar á frente, o outro contenta-se em avançar até junto delle e lançar-lhe uma chusma de desaforos:

— Mal educado!... Atrevido!... Imbecil!... Ignorante!... Passa o teu brevet! adeante... Quando não se conhece o codigo da estrada, não se deve guiar...

As duas jovens, em signal de approvação á descompostura formulada á setenta á hora, debruçam-se para fóra da portinhola e fazem caretas. Pela segunda vez, passa o bolido lançando-se para ganhar uma costa que parece querer engulir.

O homem calmo nem siquer voltou a cabeça. Não fez um gesto. As duas mãos ficaram placidamente pousadas sobre o volante. Toma novamente o meio da estrada e segue o seu curso.

Trinta kilometros adeante, qual não é sua surpreza! Ao lado do caminho, o possante carro está immovel com um pneu furado. O *chauffeur* está de mangas de camisa deante da roda emquanto as duas jovens mulheres fazem signaes para pedir soccorro. O grito dellas perdeu-se no espaço. Impossivel levantar o carro para substituir a roda! Estão tanto contra-feitas de se dirigirem aquelle que ellas haviam insultado momentos antes. Fazem no comtudo, pois nenhum outro auto apparece no horizonte e as mulheres contam sempre com a generosidade dos homens.

No caso porém, ellas se enganam.

O pequeno auto vermelho passa altivamente. Seu dirigente, ironicamente, faz-lhes um gesto com a mão direita:

— Safem-se, parece dizer-lhes. Não se queixem da sorte. Mereciam-no.

Na realidade, elle teria parado. Mas havia promettido ser pontual a um *rendez-vous*. Não queria chegar atrazado.

Tres quartos d'hora depois, entra na cidade onde o esperam. Vae direito ao tabellião:

— O senhor chegou? perguntou elle.

— Ainda não! Mas não tardará...

No mesmo instante chega o *chauffeur* do carro grande:

— Eil-o!

Os dois adversarios da estrada estão face á face. Havia um mez, entretinham relações por cartas. O homem do grande auto é director duma casa de costuras. Precisa de capitaes. O homem do pequeno auto vermelho é capitalista que quer collocar seus fundos. O tabellião estabeleceu relações entre elles. O negocio vae fracassar por um incidente? Os dois homens, em outra circumstancia, teriam considerado que estava em jogo a honra de cada um e ter-se-iam batido. Em vez disso, elles se olham, disparam a rir e apertam mutuamente as mãos. O que prova que tudo se arranja, quando dois homens presentes precisam um do outro.

ALBERT ACREMANT

A MULHER INCOHERENTE

COM a cabeça curvada sobre o peito, Ludovico não podia destinguir si eram innumeras e desconnexas as idéas que se lhe revolviam no cerebro, ou si essas idéas permaneciam paralysadas, estereis; no emtanto, sentia persistente uma dubia sensação de tragedia. Suas mãos ainda prendiam a carta de Jacqueline, uma carta de um azul suave, rescendendo a finissimo "Caron" que não fôra certamente destinada a ser portadora de um facto doloroso e dramatico. Jacqueline! Jacqueline! A mulher mais bella e enigmatica que surgira em sua vida, a mulher mais deliciosa que tivera entre os braços, a mulher-mysterio que sempre o surprehendera com suas reflexões. As irreverentes rugas não profanavam suas faces frescas. Seu corpo lembrava uma estatua de deusa animada pelo calor de uma volupia; a bocca firme, pequena, sensual, era uma eternizada seducção, e o seu olhar profundo, ora sonhador, carinhoso, alegre, ora sombrio, altivo, indecifravel, era um authentico mysterio. Essa mulher divina e estranha, ás vezes fragil como uma delicada creança, outras vezes imponente e distante como uma princeza, evidencia a singularidade annullando-lhe agora, fria e deliberadamente a sua porção da vida.

"Ludovico: — Ha coisas na vida que só podem ser comprehendidas por aquelles que as viveram e eu, desgraçadamente, me reconheço inclinada nesse desprezivel e vago "aquelles". Nem mesmo a ti, Ludovico, seria capaz de convencer do estranho tumulto de idéas, do torvelinho de desejos que, mão grado os meus esforços, sobrepujaram o meu dominio proprio após progressivas e horriveis lutas intrinsecas, que acabaram por atirar-me numa vida caprichosa, repleta de "nuances". Não me comprehenderás provavelmente e assim permanecerei, para ti, lembrança, a tua mulher mysterio. Mas meus mysterios são talvez vividos por dezenas de outras. São mulheres que se concentram, mulheres que se suicidam por desafiar a tentação, mulheres que morrem sob uma tristeza esmagadora, mulheres que o tédio assassina lentamente, mulheres que peccam... Todas essas parecem ter, como eu, duas almas, dois ideaes differentes, duas forças antagonicas que disputam a presa: uma é a da educação, da moral inculcada, da vida ensinada sobre as pautas dos preconceitos, outra é dos miasmas de um mal sub-consciente avido de dominio sobre o consciente.

"Meu casamento foi um casamento de amôr e meus filhos deram-me a conhecer um novo genero de felicidade. Da varanda completamente engalanada de admiraveis glycinias, costumava contemplar o folguedo das crianças, recebendo indifferente os écos alegres que me chegavam das fascinantes festas do mundo, sorrindo com desinteresse da vida tumultuosa que os outros levavam, partilhando apenas da alegria de meu "home". E eu era sincera. Entretanto, meu amigo, nos meus momentos de abandono, de calma, de sonhos, nos momentos em que me entregava á introspecção, eu constatava dentro de mim, profundamente occulto de emboscada não sei onde, um desejo que emergia de seu adyto, que parecia ser "Eu propria", impellindo-me para uma liberdade festiva, para uma vida ideal, minha, unicamente minha... Visionaria? Não sei.

"Meus desejos estavam sempre onde eu não estava.

Nessas instantes invadia-me um tédio invencivel pelo ambiente de meu lar e foi completamente possuida desta fraqueza que te conheci.

Tua figura masculă, tua bocca sanguinea, attrahente, teus gestos senhoriaes, teu "aplomb", tua fronte energica, tudo em ti me attrahia vigorosamente. Symbolizamos inconscientes a scena da serpente seduzindo a avesinha porém o somnambulismo que me arrastava para teu peito não emanava do hypnotismo de tuas pupillas penetrantes e escuras; meu mau sub-consciente encontrára alimento na tua apparição e na minha pusillanimidade. Um segundo, um nada e nesse segundo, e nesse nada um turbilhão de pensamentos. Depois... renuncia... vertigem... E conveniencias, honra, deveres, tudo o que constitue o codigo moral das sociedades, vi esboroar-se de encontro aos meus pés. Assim me tornei tua amante. Nossas relações, por uma extraordinaria "chance", permaneceram ignoradas. Fui feliz comtigo. De tua rica e luxuosa "garçonnière" tudo era para mim uma lembrança querida: o calice onde bebiamos o licôr das nossas saudações... o cigarro que accendias entre meus labios... a fumaça que subia, esguia, ondulante, languorosa como — dizias tu — o corpo esguio, ondulante, languoroso de tua Jacqueline... os abraços dominadores que fechavas em torno de meu talhe... os beijos suffocantes de tua bocca insaciavel... Então, eu percebia o appello surdo dos meus deveres de esposa e de mãe.

"Escrupulos? Remorsos? Não sei.

"Meus desejos estavam sempre onde eu não estava.

"Tornei-me inconsequente commigo mesma e é essa duplicidade que vem matar-me! Despertei, Ludovico, dessa "reverie" illicita e febricitante, vejo quão fracas e vis são as minhas razões. Perdi o equilibrio, o governo dessa dupla-individualidade que simultaneamente me arrastava para o bem e para o mal.

Guarda meu segredo, Ludovico, para que eu morra em paz.

Morrer! Vou morrer! E' a primeira vez que sou coherente com as minhas idéas. — Adeus! — *Jacqueline.*"

ISA DE HUBOMAR

O UNICO AMOR

GABRIEL CORÁN era aprendiz de carpinteiro. Tinha um temperamento timido e ingenuo, e seus companheiros troçavam delle porque se perturbava quando via uma mulher.

Um dia, em que estava fazendo, com seu pae, uns reparos num castello, cahiu de grande altura, ferindo-se gravemente.

Os moradores do castello trataram-no com solicitude, e particularmente se interessou pela sua vida uma joven de dezoito annos. Como elle se ferira na fronte, ella, muitas vezes, lhe fazia os curativos, e depois apoiava suavemente a mão na testa do rapaz. Aquelle doce contacto era um consolo para o pobre Gabriel, que abria os olhos e contemplava a carinha loira de sua enfermeira, que reflectia a mais perfeita belleza que espirito humano pudesse imaginar.

— Como está? — perguntava-lhe, a joven, com um sorriso adoravel. Está melhor, não é assim?... E' preciso dormir um pouco... Si isto não é nada... Dentro de oito dias poderá dançar commigo, si quizer, na festa da localidade...

As benevolentes phrases que a senhorita loira pronunciava, com a mão na fronte de Gabriel, lhe alliviavam mais do que todos os calmantes.

O carpinteiro olhava, enlevado, a joven castellã, e ella, comprehendendo o affecto que sua presença lhe produzia, sentia-se emocionada.

Uma vez, Gabriel ouviu que ella dizia a sua mãe:

— Como é doce o carpinteiro!... Não me admira que Jesus escolhesse esse officio!... Não te parece, mamãe, que, quando o Salvador estivesse na officina de São José, devia ter a mesma expressão de rosto do nosso ferido?

Aquellas palavras ficaram gravadas na alma do aprendiz, que se apaixonou loucamente pela joven castellã.

Gabriel curou-se, e soube que a mulher que elle adorava era a viscondessa Hortensia de Cardoso, que ia se casar um mez depois, e por motivo de seu proximo enlace é que se estavam procedendo a reparos no castello.

Pensou que elle não tinha o direito de pôr os olhos em uma creatura tão formosa, tão rica e tão nobre. Mas seu coração não se conformou, e, apesar de tudo, continuou amando-a.

No ultimo dia em que trabalhou no castello teve uma idéa extravagante. Tomou um pedaço de papel e escreveu, com mão tremula:

"Amo-a, senhorita Hortensia. Este amôr, eu não o posso confessar a ninguem, muito menos á senhorita. Mas desejo deixál-o escripto, para que, emquanto durar o castello, guarde elle, entre suas paredes, o meu segredo. — Gabriel Corán."

E, dobrando o papel, metteu-o em um frasco no ôco de uma viga, exactamente no logar onde ia ser collocado o leito nupcial.

Depois abandonou o castello, para sempre...

* * *

CINCOENTA annos depois, houve um incendio no castello, e o aposento de Hortensia foi presa das chammas, consumindo-se a viga onde o antigo aprendiz havia collocado o frasco.

— Que é isto? — disse uma velhinha, vendo o frasco entre os escombros.

E essa velhinha, que se chamava Hortensia, marqueza viuva d'Arce, leu o papel que estava dentro do frasco, e suas faces enrugadas coraram.

— E' uma declaração amorosa!... E dirigida a mim!... Quanto tempo fará isto?... Quem a teria escripto?...

Essas perguntas, a velhinha as fazia sentindo que seu coração, já transformado em cinzas, como seu castello, lançava um ultimo lampejo.

De Jean Rameau

— Gabriel Corán... Quem seria?... Durante algum tempo procurou lembrar-se inutilmente, até que, uma noite de insomnia, recordou:

— Ah!... Gabriel Corán era o aprendiz de carpinteiro que se parecia com Jesus... Como era bonito aquelle joven!...

E a velhinha sorriu, commovida. Onde andaria elle?... Qual seria a sua vida?...

Indagou, e, afinal, soube que havia um tal Corán em uma localidade proxima, e, uma manhã, se dirigiu, em seu automovel, para essa localidade.

Perguntando aos vizinhos, chegou, por fim, deante da casa onde morava Corán.

A' porta, estava sentado um velho calvo e meio moreno, quasi sem dentes.

— Conhece o senhor um tal Gabriel Corán? — perguntou-lhe.

— Sim... um pouco... — respondeu o interpellado.

— Poderia dizer-me onde móra?... Eu sou a marqueza d'Arce... Esse Gabriel Corán trabalhou em minha casa ha muitos annos... quando eu era solteira... Era um rapaz bonito... e ao abandonar o castello... deixou, em uma viga...

Emquanto assim falava, tirava do bolso o frasco. O velho, vendo aquelle objecto antigo, se levantou, olhou fixamente a marqueza e tornou a cahir como uma massa, lançando um doloroso suspiro.

— Meu Deus!... Que tem o senhor? — perguntou Hortensia, approximando-se delle.

E, como era seu costume, quando via alguem soffrendo, lhe pôz a mão na fronte.

Ao sentir aquella mão, o velho teve a impressão de que sua mocidade voltava, e a vista se lhe anuviou.

— E', porventura, seu filho ou seu sobrinho? — exclamou a marqueza, empallidecendo. — Diga-me onde posso encontrál-o!... Ha uma recordação entre nós!... Si elle estiver necessitado, quero ajudál-o... Será rico... e feliz o resto de sua vida... Gabriel Corán...

O velho meio moreno a contemplava, e seus olhos se enchiam de lagrimas. Como ia revelar-lhe que era elle aquelle rapaz de outróra, de quem ella conservava tão grata recordação?

— Por que o senhor está chorando? — perguntou Hortensia. — Será que... morreu?

— Sim, senhora — respondeu o homem, fechando os olhos. — Morreu!

— Meu Deus!... Morto!... E onde está enterrado?... Desejo levar-lhe, ao menos, umas rosas... a rezar por elle, deante de seu tumulo!

O homem transformou-se. Ella lhe levaria flôres... rezaria por elle...

— Agora não o sei, senhora — murmurou. — Mas, si me deixar seu endereço, eu farei tudo o que fôr possivel para descobrir-lhe o tumulo... e em breve a senhora saberá o que deseja...

Tres dias depois, morreu Gabriel Corán.

Mas, ao lançar o ultimo suspiro, julgou sentir que Hortensia, o amôr de sua pobre vida, lhe punha a mão na fronte, e morreu sorrindo... feliz...

A BONECA QUE FALTAVA...

NOS seus trinta e cinco annos, vazios de emoções e de accidentes notaveis, a unica coisa que ainda preoccupava o espirito de Mario André e lhe enchia as horas ociosas, era o amôr que dedicava ás suas bonecas.

Sua casa, cheia dessas deliciosas figurinhas de porcellana, parecia um palacio de lenda em miniatura, habitado por fadas silenciosas. Tinha-as de todos os tamanhos e de todas as qualidades. Vestidas de todas as côres, desde a de saias balão e corpete justo, á "geisha" japoneza de pés inverosimilmente diminutos e olhos pequeninos e rasgados.

Ninguem comprehendia a razão de ser daquella excentricidade que todos julgavam um capricho de homem rico que não sabe em que empregar o dinheiro.

Mas aquellas bonecas de cabellos suavemente louros, e grandes olhos azues e contemplativos, eram para Mario André um thesouro inapreciavel, que elle guardava religiosamente. Tinham sido a alegria ingenua de sua irmã, uma creança fragil como um lirio, que fenecêra ao desabrochar para a vida. Vendo-as, tocando-as, acariciando-as, parecia-lhe que a revia e acariciava. Desde que ella morrêra que Mario André se tomára de amôr por aquellas figurinhas de porcellana, como si todo o intenso amôr que dedicava á irmã se tivesse crystalizado nellas.

E alli vivia como um cenobita, sem mais religião que aquelles sorrisos immutavelmente meigos que lhe recordavam o sorriso da outra, da bonequinha doente, de faces exangues, que, um dia, em seus braços, cerrára as palpebras cansadas para sempre.

Rico, sem ser velho ainda apesar dos primeiros fios brancos que começavam a alvejar dentre a cabelleira negra, poderia, si o quizesse, levar uma vida despreoccupada e dissoluta, de continuos prazeres e tresnoitados. Mas, talvez devido á excepcionalidade do seu temperamento, onde se mesclavam em grandes doses o mysticismo e a renuncia, preferia ao rumor estonteante das festas e divertimentos, a placidez conventual do seu sombrio e heraldico palacete de Copacabana, onde vivia como que segregado da sociedade.

Passava ás vezes dias inteiros sem sahir, entre seus livros e suas bonecas. Agradava-lhe o silencio crepuscular daquellas salas, onde não chegavam os rumores desencontrados e diversos da cidade.

Quando mais premente se fazia sentir a melancolia do seu temperamento fundamentalmente triste e paradoxal, ficava longas horas contemplando as bonecas.

Seu olhar corria de uma a uma, encontrando sempre uma belleza nova, naquelles rostos quasi immateriaes nas primeiras sombras nocturnas. Mas quasi sempre era obrigado a baixar o olhar, porque por um estranho phenomeno, lhe parecia que todas as bonecas faziam convergir para elle a [illegible]parada de seus olhos azues e tristes, numa interrogação ansiosa e muda. E aquelles olhos pareciam perguntar:

— E ella?... Quando a veremos novamente?...

* * *

QUANDO Mario André conheceu Sonia Maria, comprehendeu que em sua casa ainda faltava uma boneca. A boneca mais bonita.

Sonia Maria era inacreditavelmente linda. Tinha um sorriso deliciosamente garoto e dezoito annos apenas. Educada no ambiente utilitario e convencional da sociedade moderna, soffrendo a influencia do meio, acostumára-se a ver as coiças da vida mais pelo lado pratico, que pela feição sentimental. Desde que conhecera Mario André, vira nelle apenas um amiguinho a mais e um admirador a accrescentar aos innumeros que já tinha. Recebia os seus telephonemas sempre com um sorriso de prazer, accedendo deliciosamente a todos os encontros e passeios

Desespero sublime

Que dôr profunda, coração, resiste!
Soffre-a, sózinho; curte-a assim, calado.
Não te afflijas por ver meu rosto triste.
O proprio riso é um pranto disfarçado...

Soffre! Soffrer faz tanto bem: eleva
os peccadores para Deus; apura
o sentimento; arranca-nos da treva
do Mundo a um céo onde outro Sol fulgura...

O soffrimento é bom. Soffre. Mas, sabe
soffrer, que o merito ha de ser maior.
Não receies que alguem te menoscabe.
Do Mundo os péchos eu já sei de cór...

Soffre! Jesus tambem soffreu e é Grande
e ouve acima de tudo um soffredor.
Póde-lhe forças, póde que te abrande,
quando mais fundo te golpear, a dôr.

Para que servem corações humanos,
meu Deus?! E Vós, e Vós que me offertaes
uma taça de fél na flor dos annos!
Para que mais, Senhor, para que mais?!

Eu nunca tive o coração contente,
possuindo tudo para ser feliz!
Não fui alegre, como toda gente,
nem sei porque, talvez porque não quiz...

Associamo-nos sempre á dôr de amigos
e á dôr até de quem não vimos nunca!
Mas ha uma dôr que nunca viu perigos
e nos sangra no ser com a garra adunca...

Punge, ferina e atroz, barbaramente.
Verte por dentro o humus de viva chaga,
E só se externa quando em nós, ingente,
a alma inteirinha e o coração alaga...

(*Do "Collar de Saphiras"*).

JONNY DOIN

Conto de Cesar Lucchetti

para que elle a convidava. Agradava-lhe ouvil-o. Sua conversa fluente, sempre com uma feição nova apesar do assumpto eternamente sentimental, tinha um poder seductivo sobre seu espirito inquieto, sôffrego de uma espiritualidade mais elevada que não fosse o terra-a-terra desoladoramente esteril da sociedade moderna.

Mario André era para ella um delicioso refugio espiritual onde se recolhia extraviada. Quando alguma contrariedade ou alguma tristeza lhe fazia fugir dos labios o edenico sorriso, era para elle que voltava o pensamento. Corria ao seu encontro no seu luxuoso automovel. E sahiam ao léo pela cidade, percorrendo juntos as avenidas silenciosas e sombrias, onde o crepusculo punha tons cinzentos e tristes.

Nessas occasiões, Mario André olhava-a absorto e pensativo. Via-a sorrir feliz, mãos postas no volante, cabellos soltos ao vento, e encontrava sempre um encanto inedito naquella adoravel creança-mulher que lhe sorria despreoccupadamente, atordoando-o de perguntas. E sentia impetos de dizer-lhe tudo, de contar-lhe tudo, de confessar-lhe o que ella representava para a sua vida, para a sua felicidade. Mas sempre recuava no momento opportuno. E limitava-se a olhál-a silenciosamente como quem olha o inattingido.

* * *

NAQUELLA tarde, quando ouviu na rua o ranger dos freios do auto de Sonia Maria, Mario André correu pressuroso para a porta. Apertou delicadamente a mão que ella lhe estendia e ajudou-a a descer. Entraram. Alegremente, Sonia Maria foi dizendo emquanto tirava as luvas:

— Vim visitál-o, como lhe prometti, Mario André. Quero conhecer o claustro onde se encerra o meu querido cenobita.

— Que será hoje o mais alegre dos palacios com a sua presença, Sonia Maria.

Ella sorriu, lisongeada.

— Não acredito. Num claustro tão bonito, a vida deve ser sempre deliciosa.

O olhar de Mario André encheu-se de tristeza.

— Como você se engana, garota!... Nada ha peor que a solidão entre o conforto e a riqueza. E' possuir o accessorio sem ter o principal.

E como ella permanecesse silenciosa, accrescentou, sorrindo:

— Mas não falemos nisso. Venha acabar de vêr o meu claustro. Quero mostrar-lhe o meu oratorio e a minha cella.

Levantaram-se. Passaram á bibliotheca. Elle mostrou-lhe os volumes luxuosamente encadernados, contando-lhe coisas acerca dos autores e das obras. Falou-lhe de Musset e George Sand, e da grande exaltação sentimental de D'Annunzio e Eleonora Duse. Sonia Maria sorria encantada. Achava deliciosamente tristes aquellas historias onde a dôr era o motivo principal.

Depois, passaram ás outras salas. Todas ricamente decoradas, com uma sobriedade e uma elegancia que revelavam claramente a fina sensibilidade de quem as habitava.

Por fim, elle levou-a á sala das bonecas. Ao vêl-as, Sonia Maria não poude conter uma exclamação de alegria infantil.

— Que lindas!...

Correu a acarícial-as. Tomou uma nos braços, depois outra, e outra mais, até ficar rodeada de todas, olhando-as com a mesma ternura, num embaraço ingenuo de creança que se vê cercada de brinquedos e não sabe qual escolher...

Subito, porém, deixou de sorrir e olhou-o com uma adoravel expressão de censura no olhar.

— Mas por que você nunca me falou nas suas bonecas, Mario André?...

(Continúa na pagina seguinte)

O meu violão de estrellas e de luares

Um sereno radioso esplende noute em fóra.
E' o luar que vem chegando; um luar de Agosto, triste.
Não ha bohemio capaz de ir se deitar agora,
Para nós, certamente, é que este luar existe.

O bohemio é um sonhador. O seu violão entende
as doces fluctuações do genio de seu dono.
Alma infinita, a sua aspiração ascende
pela noute, e desperta os astros que têm somno.

Que os os astros dormem no infinito movimento
dos mundos que eu não sei. Por isso é que o violão
vae até lá dizer, no alto do firmamento,
que é o instrumento que parece um coração...

As cordas de um violão chorou Antonio Nobre,
Correia de Oliveira e Augusto Gil, e os tres
deram á redondilha a graça que descobre
onde está o valor do genio portuguez.

Posso deixar de amar um instrumento assim,
que é meu por indole e está na formação da raça,
revivendo a saudade estranha que ha em mim
como o sabor de um vinho em uma velha toca!

Saudade que eu não sei de que é — mas revive;
dôr ignota... amargura impossivel de alguem
que morreu ha bom tempo e no entanto ainda vive;
que me odeia de morte o quanto me quer bem!

Não sei, violão, não sei de onde vens deste geito!
Sei que te amo e por ti a minha vida estranha
perde o enfado do tedio, olha a vida direito
e julga o mundo todo uma teia de aranha...

Poeta esquisito, original, feio, bizarro,
onde posso esconder tanta excentricidade?
Violão, vamos á rua. Estou sem um cigarro.
E o luar é um dia nas calçadas da cidade.

ESDRAS-FARIAS

(continuação) A BONECA QUE FALTAVA...

— Porque queria fazer-lhe esta surpreza, Sonia Maria.

Ella sorriu.

— Mau!... Sabendo que eu gosto tanto de bonecas...

E, num delicioso muchocho, accrescentou:

— Agora, por castigo, terá de me offerecer uma de presente.

Mario André deixou escapar uma risada.

— Até todas, si quizer, Sonia Maria. Não foi senão para offertar-lhe as minhas bonecas que a chamei aqui...

Ella fez um gesto de espanto. Olhou-o admirada como si não tivesse ouvido bem. Mario André sorriu, nervosamente.

— Ouça, Sonia Maria — proseguiu, olhando-a profundamente. — Chegou o momento de confessar-lhe tudo. Eu a tenho adorado em silencio durante todo o tempo das nossas relações. Mil vezes estive a ponto de confessar-lhe claramente o que você representa para mim. Mas nunca achava azado o momento. O temor de uma decepção paralysava-me a voz. Apenas os meus olhos diziam tudo, quando se pousavam com infinita ternura nos seus. Mas você nunca reparou na expressão do meu olhar, Sonia Maria...

Ella permaneceu silenciosa. Mario André proseguiu, com a voz ligeiramente tremula:

— Tinha desejos de convidál-a a vir aqui. Mas nunca me atrevi. Passava os dias pensando eu como seria delicioso tél-a ao meu lado, no silencio destas salas, ouvindo-lhe a voz carinhosa resoar neste claustro sombrio, onde nunca se ouve o espoucar crystalino de uma risada clara de mulher. Imaginava a sua maravilhosa belleza enchendo de alegria esta casa triste habitada por bonecas, onde você seria a boneca mais bonita. E perdia-me em mil conjecturas, das quaes você era sempre o centro invariavel. Hoje, afinal, você veiu alegrar, com a luz do seu sorriso, o meu retiro sombrio. Viu a minha casa. Achou-a linda. Acariciou as minhas bonecas. Pediu-me uma. Pois eu lhe offereço a minha casa e todas as minhas bonecas. Bastará uma palavra, e serão suas. Que responde você, Sonia Maria?...

Houve um minuto de silencio.

Elle insistiu:

— Que responde você?...

— Que não posso acceitar o que me offerece, Mario André...

E, notando o effeito que lhe tinham causado aquellas palavras, proseguiu, com voz lenta:

— Perdôe-me si o magoei. Mas

CARTAS EM GREGO

MINHA amiga. — Hontem commemorámos o terceiro anno do nosso casamento, Lucia e eu; e hoje, sozinho, soffro a torturante saudade de Anna, que, ha seis annos, numa tarde cinzenta, triste, crepusculo ennevoado lançando a nevoa da separação entre nós dois, noite de tragedia e de dôr para minh'alma de sonhador amoroso, morrendo, me deixava ficar orphão ao lado dos filhos, meus irmãos pela mesma angustia de perdêl-a.

Não sei porque, minha amiga, não nos pudemos acostumar a esse hiato de vida, a essa metamorphose da nossa cooperação á terra, á dolorosa experiencia na retorta das nossas amizades, em que, entrando na treva espessa do desconhecido pela porta da sepultura: a Morte, deixamos a penumbra do que fomos nos que ficaram... E ella, a minha inesquecida Anna, foi-se para a gloria e servidão de Deus (não fosse ella uma santa), num fim de tarde em que até a Natureza, saindo da sua jovialidade, bramia pela voz dos trovões e carpia pelo pranto intenso da chuva a dôr immensa que soffriamos...

São passados dois annos!... Ainda a estou a ver, pallida, com a pallidez das eleitas para o esplendor celeste, no seu esquife, á ultima hora, no cemiterio, quando o sacerdote, esparzindo-lhe o corpo com o hissope, proferia o "Requiescat in pace...", ella, pelas suas pupillas sem luz, parecia fitar-me, e seus labios cerrados pela fria verdade aterrorizante, o pareciam repetir-me o seu ultimo conselho, mui do seu costume: Não descurar dos meninos... E foi assim que se passou para o silencio frio do após-tumulo...

Minha amiga, não lhe posso descrever o meu soffrimento. Perdida aquella a quem consagrára meu affecto, perdi a noção das coisas. Deixei as creanças com os avós e viajei. Fui ao nordeste adusto e conheci o padre Cicero; estive em Minas Geraes, descendo ao interior das minas; fui ao amago das florestas amazonenses, conhecer o viver rude dos seringueiros e me passei para o Rio Grande do Sul, saboreando o "chimarrão" e comendo churrasco. Um lustro de andanças!... Devaneador impenitente, procurei so

A BONECA QUE FALTAVA... (conclusão)

eu não posso acceitar. Dos meus amigos, você foi sempre o mais delicado, foi sempre o que melhor me soube comprehender. Desde que nos conhecemos, você foi para mim o arrimo espiritual, de que tanto necessitava. Por tudo isso, lhe dedico profunda amizade. Mas commetteria um erro, si acceitasse o que me propõe. Apesar de tudo, eu não o amo. Muitas vezes, me tenho consultado a mim mesmo para saber que especie de affecto é o que me liga a você. E acabo sempre por concluir que é apenas uma forte amizade. Mas não se entristeça por isso. Você tem um logar insubstituivel no meu coração. Será sempre o meu melhor amigo.

Calou-se. Elle olhou-a ligeiramente pallido. Talvez, sob o aspecto tranquillo que apparentava, soffresse o choque brusco de uma grande angustia interior. Por um supremo esforço de vontade, conseguiu sorrir.

— Você tem razão, garota, — disse, por fim. — Eu devia ter percebido antes o que só agora comprehendo. Você é uma creança ainda. A sua transbordante juventude nesta casa triste, perto de um exilado como eu, seria como uma flôr em botão desabrochando num deserto. Eu comprehendo a sua recusa. Não a quero menos por isso. Continuarei a ser para você o amigo dedicado que sempre fui e que você deseja que continue a ser.

Como unica resposta, ella apertou-lhe a mão, num gesto affectuoso. Houve um silencio constrangedor para ambos. Por fim, ella ergueu-se. Calçou as luvas. E disse, emquanto ganhava a porta:

— Acompanhe-me até o auto, Mario André. Está ficando tarde e eu não me posso demorar.

Elle ainda aventurou:

— E a sua boneca, Sonia Maria... Não quer leval-a?...

— Virei buscal-a outro dia — disse ella, alegremente — Assim terei motivo para voltar...

Sahiram. Depois de estender-lhe a pequenina mão enluvada, ella subiu ao auto e ligou o motor. E, fazendo-lhe um aceno, exclamou, emquanto punha o carro em movimento:

— Até a vista, Mario André. Eu voltarei...

Elle permaneceu um momento silencioso, no humbral. Pareceu-lhe que era a felicidade que partia. E, insensivelmente, sem mais se poder conter, murmurou baixinho, olhando o automovel que desapparecia na avenida silenciosa:

— Por que você não me quiz, Sonia Maria?... Você era a boneca que faltava...

De Adonai de Medeiros

alcool esquecer aquella que, ao lado dos anjos, devia estar verberando a minha vida. Tornei a [illegible] dessas paragens onde encontrei a inebriez de dois olhos negros, estonteadores, — os de Lucia. Sabia ella, pelas minhas chronicas divulgadas nos jornaes, todo o immenso drama que me torturava e, numa nova encarnação do anjo Gabriel, evitou a minha queda no abysmo... Perfeita, falou-me dos perdões e dos conselhos da morta; disse, com carinho, do meu dever de viuvo e de pae: se amara a que se fôra, devia cuidar dos que ficaram. Encorajou-me; abandonei os companheiros e o alcool, e casei.

Tres annos ha que o fizemos e ha seis mezes uma nova tragedia se debate em mim. Ah, a vida amára dos sonhadores! Lucia é linda, estonteante porém, a responsabilidade do lar ella ainda não tem definida. Os rapazes acostumados á infinita concessão dos meus sogros se sentem mal com a sua severidade de moça. Para evitar dissabores maiores, saio e vou para o bar... O mais velho, sei, se recolhe aos estudos e o caçula (que o não chegou a ser) é quem sente o seu rigor. A mim, nada dizem e eu, covarde, tambem, nada faço. A's vezes, aproveitando uma circumstancia qualquer, os chamo e aconselho, mas, durante a ausencia, elles se torturam: ella para manter a autoridade, elles lamentando a dupla infelicidade — a mãe morta e o pae bohemio. Que hei de fazer? Julgando servir a "Ella", presto um desserviço a elles. Ha sussurros de rancor nas suas confidencias, ha gestos de revolta quando obedecem, ha desdém quando passam por Lucia. E, sendo tão forte, me quedo tão fraco...

Minha amiga, a falta de uma mãe, num lar, é irreparavel. Nós, os paes, ou nos elevamos para o sacrificio ou nos degradamos para o alcool, absorvedor de energias e aniquilador da vida.

Felizes daquelles que têm uma santa a qual possam chamar com todo o carinho: "Mãe"! Velhinha, alquebrada, esvaindo-se na idade, a poeira da vida... mas viva. Feliz de mim!

Beijo-lhe as mãos admirador.

O homem que

DE J. H

NAQUELLA tarde de outubro — contou Marmier — eu me havia installado na costa e assava umas batatas. Estas já se achavam no ponto de ser retiradas do fogo. A que eu havia desenterrado desprendia um agradavel cheiro quente. Tirei do bolso um pequeno canivete e me dispunha a comer uma saborosa merenda, quando se ouviram passos. Appareceu um homem de estatura elevada, de aspecto selvagem, com uma barba de arabe cor de alcatrão, faces escavadas e olhos audazes. Seu traje era lamentavel. Toda a sua pessôa tinha o aspecto de quem vagabundeia e carrega comsigo toda a sua miseria.

O homem se deteve, aspirando a fumaça e olhando as cinzas. Depois se aproximou, a passos lentos. Pareceu-me um gigante.

— Tenho fome — disse.

Sua voz soava ôca, mas bastante doce. Sentou-se deante do fogo e perguntou-me.

— Nunca tiveste fome?

— Frequentemente — respondi.

— A' hora da refeição?

Em minha cabecinha infantil não havia differença alguma entre um vagabundo e um cão de rua, e eu sabia que um cão que se installa tranquillamente é pacifico.

— Não é dessa fome que eu falo — contestou o homem. — E' de uma fome que dura por espaço de semanas inteiras. Assim como eu, que, desde domingo passado, só como uma vez por dia, e escassamente...

Ao ouvir isso, a batata me cahiu da mão. Si tivesse visto correr o sangue, não teria sido maior a minha perturbação.

Tinha mêdo de que elle tombasse alli e morresse deante de meus olhos.

— Então vaes comprehender — murmurou. — queres fazer o favor de emprestar-me duas ou tres batatas; isto me dará forças.

— Póde comêl-as todas — respondi.

— Todas?! — disse elle, com voz rouca.

— Apenas — observei eu — será necessario não comer muito depressa..., porque, em seu estado, lhe poderia fazer mal.

Ao mesmo tempo, lhe offereci a primeira batata e o canivete que tinha na mão, para que elle a descascasse. O homem comeu a mais depressa do que eu houvéra desejado; mas, como nenhum mal lhe fez, lhe entreguei a segunda e a terceira batatas, successivamente.

Quando elle acabou de comer a terceira, me disse:

— Agora é a tua vez.

— Não — disse-lhe eu, resolutamente. — Todas são para o senhor.

Elle insistiu, mas eu estava cheio de um sentimento tão extraordinario de minha importancia, que não tinha o menor desejo de comer.

Devorou, assim, um a um, meus tuberculos, bebeu uns tragos de agua de uma garrafa que eu levára commigo. Depois, tendo perguntado meu nome, minha idade, e feito indagações sobre minha familia, disse:

— O mundo dá muitas voltas. Talvez algum dia eu te possa devolver tuas batatas.

Contemplou-me longo tempo em silencio, com um olhar intenso e um pouco incommodo. Em seguida estreitou-me a pequena mão. E eu vi afastar-se lentamente sua alta silhueta...

Quando, á hora de jantar, narrei o facto a meu pae, este sorriu e applaudiu:

...tinha fome...

ROSNY

— Fizeste bem, meu filho.
E o autor de meus dias tornou a se engolfar na leitura do jornal, e não mais falámos do assumpto.

* * *

PASSARAM-SE nove annos. Cheguei aos dezeseis annos e a vida se apresentava muito dura.

A guerra arruinara meus paes. Taciturno e aspero, para si mesmo, meu pae lutara sem dizer uma palavra. Só falou quando a desgraça pareceu irremediavel.

— Eis-te aqui tão pobre como um vagabundo — disse elle, depois de haver me exposto a situação. — Não podes mais contar commigo... Eu não existo... Depois de um silencio, proseguiu, gravemente:
— Ha tres pessoas que compram minhas propriedades: Blanchard, Duprat e Giugueland. Entraram num accordo sobre suas partes respectivas, alguns milhares de francos, mais ou menos, mas ficaremos sem dividas.

Soou a campainha do portão de entrada e appareceu um adolescente.
— Urgente! — declarou, de lá.
E entregou uma carta a meu pae, e cousa inesperada, outra a mim.

Meu pae rasgou, melancolicamente, o enveloppe, leu algumas linhas, precipitadamente. Depois sua mão começou a tremer, e elle soltou um grito surdo e offegante:
— Isto não é possivel!
Terminou a leitura e grossas lagrimas correram-lhe pelas faces.
— Já não estamos arruinados — balbuciou. — Ha um comprador para nossas terras que offerece por ellas quinhentos mil francos mais do que Blanchard, Duprat e Giugueland.

Apertou-me contra seu peito, abraçando-me com a alegria terrivel que succede ás catastrophes evitadas. Em seguida, correu ao escriptorio, afim de redigir a resposta. Só então, notei que ainda não havia lido minha carta. Ao abrir o enveloppe, vi apenas tres linhas:
"Eu te havia promettido devolver-te tuas batatas... E desejaria tambem ver-te de novo lá em cima, na costa, onde te espero."

Dei cem voltas, verdadeiramente assombrado. Sahi da granja, subi precipitadamente a colina... De repente, vi o homem... Pouco havia mudado. Continuava tendo seu aspecto selvagem, sua barba de alcatrão, suas faces escavadas e seus olhos audazes. Mas um confortável terno azul cobria-lhe a alta figura e, em vez de um garrote, trazia uma bengala de ebano, com castão de ouro.
— Estás vendo! — exclamou, com alegre rudeza. — Fiz fortuna!
Tomou-me a mão e a estreitou como naquella tarde de outubro. Depois me disse:
— Peço-vos, a ti e a teu pae, que não abandoneis estas terras. Ninguém poderia cultivál-as melhor do que teu pae e tu. Unicamente uma vez ao anno virei comer aqui umas batatas.
Mostrou-me um monte de folhas sêccas e uma pequena provisão de batatas accrescentado:
— Vamos assál-as...
E ajuntou, pensativo, com o olhar distante:
— Agora já não tenho fome..., mas nunca tornarei a fazer uma refeição como a daquelle dia... Como estava bôa, meu filho! E isto te demonstra tambem que uma bôa acção nunca se perde!

A INCERTEZA

AQUELLA creaturinha linda era tudo em sua vida. Elle a adorava com um grande e ardente amor. A todo momento elle dizia todo o seu grandioso affecto. E ella nunca lhe dissèra alguma coisa que lhe trouxesse uma certeza, uma esperança. Parecia viver presa, escravizada pela saudade do passado.

Dentro delle existia a tormenta de uma affeição. Sentia um ciume louco ao imaginar, muita vez, que talvez não fosse o unico.

Desesperado, resolvêra falar-lhe. Naquella tarde, cheia da poesia dourada de um dia azul, immortalizaria o seu amor na ventura de ser comprehendido, ou, então, o destruiria por uma fria e cruel despedida.

Expoz-lhe o que sentia. Pediu-lhe que falasse dos dias de hontem. E ella resopndeu:

— Ama-me assim como sou. Não te importes com o minuto de hontem. Lembra-te, apenas, do minuto de hoje, em que existes na minha vida.

— O meu amor quer penetrar no teu passado. Esse passado que desconheço e me faz ciumento, soffredor.

— O passado não existe mais. Jaz na sombra do esquecimento. Si houve no minuto de hontem um encantamento ou uma lagrima, tudo se foi, tudo seguiu o fatalismo inevitavel do nada. Poderias, tendo-me por guia, penetrar na penumbra que encobre os dias de hontem. Mas para que illuminar as sombras? Si houve uma historia, ella está, para sempre, envolta nas gazes do passado. Tuas mãos não devem tentar rasgál-as para satisfazer ao desejo impossivel que têm teus olhos de illuminarem os despojos de outr'ora.

— Querida, insisto no meu pedido. Conta-me a tua vida até o dia de hoje. Dize-me si teu coração já viveu alguma historia, e si teus olhos já deram a alguem a ventura de uma carinho sa adoração.

— Não te quero mentir, nem magoar. Pode ria, si o quizesse, penetrar comtigo lá onde jaz a urna de um sonho, os illuminando com os clarões da sinceridade os recantos da sua solidão. Poderia, si o quizesse, fantasiar os dias de hontem. Acreditarias, tenho certeza, na mentira com que a minha imaginação os teria vestido. Mas, o passado me pertence. Exclusivamente a mim. Não te dou o direito de ergueres, pela mão do ciume, os véos que o velam de outros olhos que não sejam os meus. Quero que creias em mim, sem desconfiança, sem temores. Quero que me ames com um amor perfeito, amor que sabe confiar e proteger. Si não me achas merecedora de tal fé; si acreditas que não me podes querer sem recear as sombras dos dias de hontem, então será melhor me esqueceres.

— Nunca poderei esquecer. E's todo o meu grande amor. Toda a esperança de minha felicidade.

— Então deves crer

A estrella de cinema (cujo marido recupera os sentidos). Digo-lhe já, doutor, que me casei duas vezes depois de seu accidente?

em mim. Não deves permittir que as sombras do passado se erguam, impulsionadas pela loucura do ciúme, e sejam a borrasca, a tempestade da duvida no céo do teu amor. Deixa que as sombras do passado fiquem enclausuradas, quaes monjas da solidão, na cella do esquecimento. No minuto de hontem nada existe que me possa fazer sentir saudade. Façamos do minuto de outr'ora a petala emurchecida que tombou da corolla de minha vida e pensemos no presente, neste presente em que existes e me amas.

— Quero crêr em ti! Quero que sejas a fé de minha vida. Mas, para que assim seja, é necessario que teus labios digam, para mim, a palavra que até hoje não souberam murmurar. Queres que continue a te amar. No emtanto, não me dizes a palavra de ternura que possa arrancar, de dentro de mim, a tormenta de não ser comprehendido. Muita vez tenho confessado o meu grande affecto.

Por Mitsti

Ouves, com carinho, tudo quanto te digo. Mas em silencio, sem juntar á minha prece de ternura, a prece de tua alma, que vivo, em vão, a desejar ouvir. Não tenho uma esperança, uma certeza. Por isto, receio as sombras do passado. Receio que ellas impeçam uma amizade eterna entre nós dois. E si eu tivesse a certeza de teu amor, si eu não te sentisse sempre tão distante de mim, não viria o soffrimento atroz de uma incerteza.

Qual o impossivel que se ergue entre nós dois? Fala, supplico-te! Fala para dares uma immensa ventura, ou para destruires, com uma verdade cruel um lindo sonho de amor.

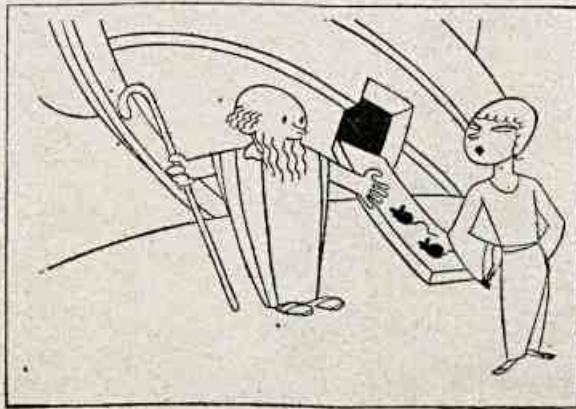
— Nenhum impossivel existe entre nós dois.

— Si nada existe que me póde separar de ti, por que não me dás o teu amor?

— Um amor não se supplica, nem se impõe. Um amor conquista-se, fazendo dessa conquista o supremo anseio de uma vida. E, no momento glorioso em que se conquistou todas as victorias, fazendo do amor de dois corações um só e grande amor, sacrifica-se a liberdade pela vaidade de ser escravo...

— Meu coração, bem sabes, já sente a vaidade de ser teu escravo. Quando chegará a vez de teu coração trocar as azas da liberdade pelos grilhões do amor?

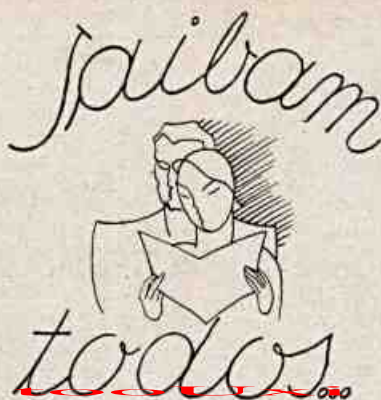
Ella, com os seus olhos muito lindos, muito ternos, esteve por alguns minutos a olhal-o. Depois murmurou, dando á sua voz toda uma immensa ternura e ardor:

— O meu coração assim fará no dia em que não temeres as sombras do passado... no dia em que, por amor ao teu amor, eu te offerecer a minha mocidade... a minha vida... o meu destino...

CONFLICTOS DE ULTIMA HORA — A mulher de Noé. — Olha, Noé: se insistes em levar tambem ratos, eu não entro na arca!

N. MOURÃO (Capital) — Ah, caro confrade! As mulheres! Põem-nos de cabellos brancos mais depressa do que a idade! E, no emtanto, como gostamos dellas!

O sr. parece não partilhar a minha opinião a esse respeito. Tanto é assim que me escreve uma carta chistosa, é certo, mas, amarga, de algum modo.

Leiamol-a:

"Yves. Você, mettendo-se nesse "caso" Djenane, tem sido cruel com as creaturas de seu sexo. Saibam todos agora pertence ás Djenanes, Marias Lucias, etc. Um pobre coitado como eu, que não entende dessas historias de renuncias e de amores, fica pacientemente de braços cruzados, esperando vocês resolverem a renunciar ou a possuir (o que é mais rapido e mais humano) para conseguir um "despacho" seu. Você, Yves, é um "refugio peccatorum" dos apaixonados. Uma mocinha leva o fora do namorado e, em vez de dar um tiro ao ingrato, vae pra cima de você, e do Saibam todos e dos leitores de Fon Fon. Aquelle pal-ficante Pierre Loti, tem podia ter ficado num dos cemiterios de Stambul antes de escrever as Desencantadas. Só assim eu poderia saber se você já recebeu e já mandou para a cesta, a minha Pilheria da Natureza.

A Maria Lucia bem podia voltar ás boas com seu amado, e em vez de cartas renunciadoras e de "trelições" ao bom Yves, escrever alguma coisa bonita para a gente ler.

Sabe porque não gosto dessas coisas de amor? Porque tive uma namorada que me deixou, exactamente, uma impressão de parallelepipedo, como diz você. Tal e qual.

Responda-me paciente Yves, se recebeu meu trabalho.

Com um abraço do. — *N. Mourão.*"

Agora, as respostas:

1.º — Não sei a que correspondencia o sr. se refére, que reclama, impaciente, o meu "despacho". Si é ("Despacho" de "macumba?" Si é — "vade retro"!) Devo dizer, no emtanto, que, si a sua collaboração estiver bôa e já passou por esta mesa, será aproveitada, na certa. Aqui o que predomina é a justiça com que julgamos a collaboração enviada ao *Fon-Fon*; 2.º — O sr. pode ter pressa no tal despacho. Não é só o sr. que a tem. Até pelo telephone sou procurado pelos poetas e poetisas, necessitados de glorias... Mas, a verdade, é que o "caso Djénane", com toda sua futilidade é muito mais interessante para o "Saibam todos" do que todos os "despachos" que eu pudesse dar a essa alluvião de poetas insipidos. Mesmo porque o "Saibam todos"... não é secção de "despachos" literarios. Quando será de "despachos"... para a cesta...

IGNEZ (S. Paulo) — O poema "Uma prece", sobre o qual me pede opinião, é um trabalho commum. E' mesmo fraco. O seu merito consiste na sua força emocional e na delicadeza do thema: um pae (ou mãe?) que chora a morte de uma filha. Literariamente, "Uma prece" é de pouca monta.

E' só?

DONA J. E SEU M. (S. Paulo) — Li os versos, (isto é, umas simples quadras) e nada percebi relativamente á arte do seu autor. São, portanto, insufficientes, esses elementos, para um juizo imparcial.

RAINHA DE SABA' (S. Paulo) — Hum! Estou aqui verdadeiramente alarmado. O seu pseudonymo — *Rainha de Sabá* — é um tanto impressivo.

Já tive aqui uma consulente, com o meu appellido, e que era um monumento de mentira feminina. Ella ficou notavel aqui pela historia de uma almofada que, — diz ella — me mandou por um mensageiro. Foi a *Rainha de Sabá* mais mentirosa que o céo já cobriu...

E v. ex., que dirá a isso?

Começa dizendo que tem grande admiração por mim, e que é grata, sincera e que isso e mais aquillo, etc e tal — pontinhos...

No emtanto, apezar de tudo isso, não me deu seu nome verdadeiro, nem o seu endereço ou telephone, para que ao menos eu a pudesse conhecer... por um fio... Em todo caso, fico á espera da sua promessa...

JOÃO DO MANDU' (Minas) — Ah! Eu hoje estou disposto a conversar com os poetas. Não com os bons — que são muito pretenciosos, cheios de si, e pensam que são maiores do que Homero, Virgilio, Dante e Camões.

Não! O meu prazer é conversar com os Mandú e quejandos... Sim, porque, *poetas* como o sr., são um derivativo para o tedio de um dia como o de hoje — cheio de cinza, de melancolia e gemidos e saxophones, aqui no radio do visinho.

O sr. com a sua carta e o seu poema combate essa melancolia que me esmaga e me enche o coração de sombras auguraes... Ah, aquelle saxophone soluçante, seu "Mandú"...

Venha, "Mandú"! O sr. é um consolo, é uma nota bôa de alegria na pauta de tanta coisa melancolica...

Comecemos pela sua carta. E saboreemol-a como quem toma "kumel" ou "chartreuse"...

"Prezado sr. Yves. Saudações. Ha tempos envie-lhe uma collaboração intitulada "Meu grande Amor", no entanto não tive o prazer de vel-a publicada no "Fon-Fon", naturalmente porque o amigo classificou-a soffrivel.

Más, agora, passado um anno, tomo a liberdade de apresentar-lhe, á vossa autorizada critica, esses pequenos versos da mocidade, imperfeitos naturalmente, más que traduz uma idade e um momento.

Se V. S. julgar conviniente a publicação das mesmas, muito grato lhe ficará o amigo e admirador.

(João Mandú)"

Ainda lambendo os beiços, encantados, passemos ao mel do Hymeto do poema...

Eil-o:

"TUA ALMA E TEUS OLHOS."

Porque me fitas assim?!...
Com este teu olhar de
Seducção...
Será que traz por mim,
Em teu peito, algum afeto
Imenso, mageatoso como o sól,
Que a tua alma abriga, a muito,
Em silencio,
Na discreção das almas que
amam?!...

*

Más, um dia, teus olhos te traiu, e
Eu vi na traição de teus olhos,
A beleza de tua alma!...

Pela grande alegria que o sr. hoje me causou, eu fico pedindo a Deus que nunca lhe dê intelligencia... Só assim o sr. continuará a fazer versos engraçados...

MIRCIA A. DO VALE (Minas) — Bella garôtinha de nove annos apenas, pode mandar a sua foto, com respectiva legenda, e eu a publicarei com prazer.

E lembranças a essa lindas mineiras de faces rosadas e olhos de velludo.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON-FON — 5-12-931

Data da consulta ....

Nome da consulta ....

....

O ESTRANGEIRO

Ao sahir da estação, Nanette, com seu paletó de viagem na mão, pensava em que hotel iria parar.

Sua indecisão durou pouco.

Um *chauffeur* cujo gorro tinha um letreiro que dizia "Hotel dos Banhos", se aproximou e lhe perguntou:

— Senhorita: vae para Kerbozellec?

— Sim, mas ainda não sei onde vou hospedar-me.

— Oh, é bem simples! Não ha outro hotel além do nosso.

— Então...

— Tem muitas malas?

— Um bahúzinho e uma valise. Aqui está a guia.

— Obrigado... Suba ao auto-omnibus, que eu volto immediatamente.

Nanette installou-se no fundo do carro.

Verificou, sem se espantar, que era a unica passageira.

Em junho ha pouco movimento, e as praias ficam relativamente desertas, sobretudo nas pequenas villas de pescadores como Kerbozellec.

Nanette, vendedora da casa "Les Clarice", á rua de la Paix, era obrigada a gozar muito cêdo suas férias. Seus recursos não lhe permittiam hospedar-se em hoteis de luxo, e, a conselho de suas collegas, escolhêra aquelle recanto da Bretanha para repousar alguns dias, e sentia-se agradavelmente surprehendida vendo desenrolar-se, através do vidro do auto-omnibus, uma paizagem encantadora.

Evidentemente, pensava que as distracções iam faltar-lhe. Fóra do pittoresco, Kerbozellec não devia offerecer grandes attractivos. Nada de casino, nada de *dancing*. Emfim...

Invejava a sorte de suas amigas Angela e Rosina, as quaes tinham parentes ricos, que as levavam aos balnearios da moda. Biarritz, Yachts, etc...

— A bôa vida!... — pensava Nanette.

E o auto-omnibus do Hotel dos Banhos parecia-lhe sujo e triste deante das maravilhosas decorações onde actuavam suas amigas.

O *chaffeur* voltou-se, e exclamou:

— Chegamos, senhorita...

Em meio de alguns gansos espantados, o auto-omnibus desceu por uma rua de casas tristes. Deu volta á praça da igreja, e duzentos metros além surgiu o mar agitado, onde dançavam os barcos.

Ao sahir do auto, Nanette aspirou o ar salgado do mar. E, subitamente experimentou uma rara sensação de soledade, de isolamento, quando entrou no grande salão de jantar, vazio.

Não se poude conter e perguntou á criada que lhe apresentava os fiambres:

— Ainda não ha hospedes?

— Oh, sim, senhorita! Aos sabbados e domingos, temos hospedes de passagem... Mas a temporada ainda não se abriu. Para começar temos já um estrangeiro...

— Um estrangeiro?...

Nanette estremeceu. Si fosse rico! Si gostasse della!...

A criada proseguiu, meticulosa em seu trabalho de valorizar os méritos de um freguez:

— Um senhor de muito bôa apparencia... e generoso tambem... Parece que gosta de Kerbozellec...

— Não está aqui hoje?

— Não. Partiu no barco de um pescador. Voltará para jantar.

A curiosidade de Nanette começava a despertar.

Tudo o que ella soubéra do estrangeiro — sua generosidade, seu capricho de sahir para almoçar em pleno mar — a seduzia no mais alto grão. Estava ansiosa

De Reymond Genty

para travar relações com aquelle brilhante hospede do Hotel dos Sanhos.

Foi no dia seguinte que o viu a um canto do salão de jantar. Esse dia era um sabbado. Os touristes enchiam a sala com suas exclamações e seus risos rumorosos.

Nanette, que puzéra seu mais lindo vestido, não poude deixar de trocar alguns olhares eloquentes com o seductor desconhecido.

Mas essa linguagem muda vale muito mais do que uma apresentação official, e Nanette não se surprehendeu quando, sahindo ao campo depois do almoço, constatou que o estrangeiro tomava o mesmo caminho.

Um golpe de vento, bem a proposito, levou a *echarpe* de Nanette para longe.

O desconhecido precipitou-se para um doirado ramo, que retinha a sêda palpitante, e, risonho, a devolveu á sua dona.

Nanette procurava attribuir uma nacionalidade áquelle moço cuidadosamente barbeado, de cabellos louros e olhos azues.

— Inglez — pensava. — Sim, com certeza. Recorda-me o escossez de Rosina.

E, ao receber a *echarpe* que elle lhe entregava, lhe disse:

— *Thank you very much, sir!*

— *Very happy to have obliged you... miss.*

— *The wind is so high to day.*

— *Yes, very high. Are you here for a long time?*

A conversação proseguiu em inglez, até o momento em que Nanette, distrahida, exclamou:

— Gosto muito deste logar. E o senhor? Oh, perdão!

Ia recomeçar a phrase em inglez, mas o joven, sorrindo, lhe disse:

— Podemos muito bem continuar em francez, si quizer.

— Prefiro, com effeito.

— Eu também.

— E' estranho! O senhor não tem o menor sotaque.

— Parece-lhe?

— Creio que sim.

— Faz-lhe comprehender muito bem.

O braço do estrangeiro deslisou sob o braço de Nanette. Iam caminhando a pequenos passos ao longo do mar silencioso, então, e unidos estreitamente um contra o outro.

A vendedora de "Clarice" construia os mais doces sonhos.

Porventura não era aquelle o principe encantador que tanto ella havia esperado? Como Angela e como Rosina, ia, afinal, conhecer o rumor dos hoteis de luxo e dos yates.

Quem lhe diria que, naquelle longinquo recanto perdido, ia encontrar o homem encarregado de transformar seu destino?

* * *

No dia seguinte, no pateo do hotel, Nanette conversava com seu amigo.

— Que original nosso encontro! E que estranho esse impulso que me levou a confiar-me inteiramente a ti, sem reservas... Não sei nada de ti... nem siquer teu nome...

— Oh, é facil! León... León Ledurand...

— Ledurand?!... Mas não é um nome inglez...

— E' que clamo que não... Mas, por que queres que meu nome seja inglez?

— Porque me haviam dito que eras estrangeiro...

— Quem?

— A criada... Ella te chama o estrangeiro...

León se poz a rir.

— Aqui chamam estrangeiro a todos os que não são da região.

— E's francez, então?

— Parece-me que sim: de Monmartre.

— E qual a tua occupação?

— Sou vendedor no Palacio Rosado.

Nanette suspirou e murmurou, entre dentes:

— Ahi está minha linda sorte...

O PREÇO DE UMA VIRGULA

A commissão de fazenda de Chicago descobriu, por casualidade, faz alguns annos, que uma virgula mal collocada havia custado aos Estados Unidos mais de 10 milhões de dollares.

O Congresso votára uma lei aduaneira enumerando os productos que não deviam pagar direitos. Entre estes estavam as arvores fructiferas de origem estrangeira: "All fruit-plants from foreing origine" (todas as plantas fructiferas de origem estrangeira).

Um empregado, em vez de copiar "Fruit-plants" escreveu "fruits, plants", e a substituição da virgula pelo traço, não tardou em se fazer sentir. Bananas, uvas e laranjas se elevaram de preço nos Estados Unidos sem pagar nenhum direito de entrada.

O erro foi rectificado, porém a Alfandega perdêra 10 milhões de dollares.

OS THESOUROS DE SCHOENBRUNN

Sabem os leitores que Napoleão havia escondido grandes thesouros no parque de Schoenbrunn, na Austria?

Pelo menos, foi isso o que affirmou o capitão Levin, do exercito austriaco, que descobriu o logar onde os mesmos estavam occultos.

As autoridades se interessaram pelo assumpto, e quando o militar voltou ao sitio assignalado para proceder ás excavações, encontrou o logar guardado pela policia pois, o governo resolvêra fazer por sua conta as explorações.

Acredita-se que o valor das joias, moedas e outros objectos preciosos enterrados ali, chegam a dois mil milhões de francos.

CURIOSIDADES

Ao chegarmos aos setenta annos cortamos as unhas das mãos uma cento e oitenta e seis vezes. Considerando que cada uma tem doze millimetros, a somma das que cresceram a um septuagenario, em cada dedo, daria uma longitude de dois metros, tres centimetros e dois millimetros.

Os viajantes do polo arctico têm observado o seguinte: quando a neve está com uma temperatura summamente baixa, absorve a humidade e sécca a roupa.

As avestruzes nunca vão directamente aos seus ninhos. Para se aproximarem dellas, dão uma porção de voltas para que, si algum inimigo observou a rota durante algum tempo, não consiga nunca vêr onde têm ellas seus ninhos.

Todos os animaes estão sujeitos a soffrer padecimentos semelhantes á demencia. Prova-se isso, principalmente, nos passaros, nos cães, nos macacos e no gado lanigero, em geral. Com frequencia vimos no campo uma ovelha ou um carneiro dando repetidas voltas ao redor de si mesmo, o que é um symptoma de loucura.

Um litro d'agua póde ser transformado em 1.600 litros de vapor.

Entre a equipagem de um bote salva-vidas moderno figuram focos electricos, canhões para atirar cabos, machinas para perfurar pedras e uma pequena grúa.

Tambem se empregam nos botes salva-vidas uma chamma que arde debaixo dagua sem protecção alguma e que abre buracos nos cascos dos navios afundados.

O ar marinho e a moda

A moda só faz bem ao armarinho
Pois das freguezas ella augmenta a roda;
Mas paga-se o carinho com o carinho:
O ar marinho não faz mal a moda!

Sim! Nem o ar do mar, nem o sol da praia prejudicam as toilettes de algodão, linho ou seda vegetal, se a fazenda de que são feitas foram tingidas com os corantes

INDANTHREN

de fama universal pela sua fixidez e resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

Verifique ao comprar o tecido se elle traz a marca registrada que garante ter sido elle tinto com corantes

INDANTHREN

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 49

Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 1931

Director: SERGIO SILVA

«Terra - Amante do Equador»

O sol loiro, de um dia tropical, entra-me pela janella, innundando de luz a minha sala de livros, onde, longe do tumulto da cidade, entretenho confidencias com velhos e novos amigos.

E, justamente, nesta gloriosa tarde, recebo a visita de alguém que me offerece versos com "o sabor barbaro das lendas, dos costumes, das paizagens da Amazônia pujante e mysteriosa".

"Terra-Amante do Equador", um livro de Mulher!

Mulher que viu a Amazônia como a realidade de um sonho, — ora dantesco, ao penetrar no labyrintho das florestas virgens onde ha sempre noite, ou a vencer os jupiás dos terríveis resvaladouros encachoeirados, ora delicioso e simples, ao vêr os campos cheios de sol, os lagos coalhados de Victorias-Régias, a folhagem sempre verde sem outomnos, o homem amoroso, a mulher ardente, o violão gemendo pelas noites enluaradas e uma voz macia e dolente cantando lendas de Icamiabas, de Curupiras, de Bôtos, de Yaras...

No seio augusto da selva amazônica, um punhado de prosadores de raça foi beber inspiração para as paginas mais empolgantes da literatura nacional.

O infortunado Euclydes e Raymundo de Moraes são os gigantes dessa prosa forjada no aço da mais fecunda imaginação.

Porém, agora, chegou a vez da poesia de pelle morena, de olhos esmaltados de luz, de farta cabelleira negra... Ilná Pontes de Carvalho!

Abro o livro, ao acaso, e leio "Como na vida":

Miserável, ignóbil, pequenino,
junto ao tronco dum pé de tamarino
gigante e altaneiro,
de essencia secular,
um broto tenro de Apuhyseiro
cresceu
e o tronco opado e nodoso
em caricias leves envolveu...

A arvore afagada
fica encantada
no absorvente gozo
de toda se entregar,
e o terrivel parasita
na teztura maldita
de um sudario de ramos
a quer estrangular
e pelas tramas
dos galhos enfolha-se e floresce...

Depois, farto do sangue vegetal,
desce
ao solo onde se enterra
e vae sugar mais alento
no ubere da terra.

Morre a planta colossal
no abraço que a fascina,
e impune, se desfralda ao vento
a folhagem assassina...

Não me detém o assombro desta maravilha, porque deante dos meus olhos se abre o "Poema tropical":

O Sol queimando...

A terra em flôr, perenne e farta mésse
ao seu beijo de luz aphlogistico offerece!

O solo ardendo...

Sob a folhagem verdoenga,
florescendo,
balançando,
a senga
das folhas mortas pelo chão,
a força viva do humos cria
assômos de energia
em cada nova gestação...

Mas, é positivamente o milagre da Intelligencia o que sinto, ao lêr os versos de Ilná, onde as rimas tinem como guizos de crystaes...

Da floresta das idéas brótam as expressões verbaes allucinantes, fogósas, vibráteis, quentes, que sóbem perdendo-se no Azul!

O meu espanto, divisando, nas margens dos igarapés, a Yára, metade mulher metade peixe, lindos cabellos compridos, busto cheio, cauda de escamas multicôres, talvez não fosse maior...

O "civilizado" não se apavóra com as lendas, mas, teme as Yáras vivas que cantam ao violão:

Meu violão!
Madeiro vivo a gerar o pranto,
um coração
de fibras a falar
nessa voz secular
arrebatado ao imo da floresta...

Mas, uma noite de que guardo o encanto,
o amor que eu esperava ha tanto, tanto,
teu canto acompanhou...

A poesia de Ilná tem a imponência das selvas amazônicas, onde ella surgiu para a gloria de uma vida eterna...

"Terra-Amante do Equador" deixa de ser um livro de estréa, porque é o poema definitivo das letras brasileiras.

Estou de pazes com os bons Deuses que me deram a conhecer, num dia luminoso, tropical, uma das mais bellas creadoras do rythmo e da fôrma da poesia feminina da minha terra.

MARIO POPPE

A CILADA

MAURICIO VILLAR respondeu, sorridente:

— Não tenho medo de você.

Do outro lado do telephone, a vóz fresca e moça de Corina aflautou-se para indagar:

— De quem tem medo, então?

Mauricio ageitou-se na cadeira da sua secrétaria, approximou-se do receptor, e affirmou:

— Primeiramente, tenho medo do amor...

— E depois?

— Depois... Parece inacreditavel...

— Diga! — impacientou-se Corina, que, por sua vez, se accommodou á almofada do leito, depois de verificar que a porta do apartamento estava bem fechada.

— Tenho medo de mim.

Corina deu uma gargalhada:

— Você é um homem confuso... Bizarro, além do mais...

— Por que?

— Porque tem medo do amor e de você proprio... Será que você não é um homem... como direi, um homem para o amor?

Mauricio sentiu-se ferido com a malicia:

— Sou homem para a mulher. Aquella de quem fala Vargas Villa... Não para o amor da mulher...

A senhorita Maura de Senna Pereira, joven e brilhante escriptora de Santa Catharina, nossa apreciada collaboradora e figura de destaque na sociedade de Florianopolis, ficou noiva do sr. Dorval Lamotte, e mandou, gentilmente, a FON - FON, a participação desse contracto de casamento, que é uma nota interessante para a vida social brasileira.

* * *

— Nem que essa mulher seja eu?

— Pois o perigo todo está em você...

Como se vê, o *flirt* estava animadissimo. Corina, voluvel e irrequieta, maliciosa e fingida, procurava tentar o pobre do Mauricio Villar, que, apesar da sua ventura, da sua sorte com as filhas de Eva, receiava as artimanhas daquella. Sabia que a bella Corina, com os seus dezoito annos radiosos, era um desses typos de vampiro, que o cinema apresenta nos seus cartazes para chamariz infallivel. E dahi, o facto de fugir á tentação daquella diabolica pequena.

A garôta insistiu:

— Deixemos de tolices. Quero vel-o hoje no chá-dançante do Palace. Irá?

— Farei todo o possivel.

* * *

Perversa, a endiabrada senhorita havia preparado a cilada: quando Mauricio chegasse, encontral-a-ia ao lado de Remy — seu rival em outros prelios de amor. Remy lhe havia roubado a encantadora Verinha Fialho. E, agora...

* * *

O jazz explodira. E Corina iniciava os primeiros passos de um tango da moda — *Impossivel*, quando estremeceu, de repente. Remy não percebeu esse tremor. Notou, porém, que ella empallidecera.

— Sente-se mal?

Corina não poude negar o mal estar que a invadira.

— Sim. Leva-me ao vestiario...

* * *

Mauricio Villar acabava de dar entrada no salão, conduzindo, pelo braço, a formosa loura Yvone Montenegro. Uma das rivaes de Corina...

YVES

A MULHER CHIC
(Creação Jean Patou. Photo especial para FON-FON).

REPS DE TON CAROUBIER. BRODERIE JAUNE ROUGE BLEU. ASTRAKAN MARRON. CHAPEAU VERT.

Aurora...

Aurora!
Bemdita annunciação
Do Sol,
Em apotheose de luzes
E esplendôres!
Alleluia de ouro e sangue
Manchando de vermelho as fimbrias
Do Levante,
E pondo em fuga o pallor
Das virgens madrugadas!

Aurora!
Canções festivas do romper
Do dia,
Em garganteios de crystal,
Das aves!
Aria sonora e branca
Das cascatas
E beijos pelo verde das ramadas!

Aurora!
Clarinadas ridentes, acordando
A vida
Para o triumpho do amôr
E da belleza!
Symphonia de côres e de aromas,
Rasgando a virgindade
Da manhã!

Aurora!
Deslumbramento de minh'alma
Apaixonada
E de meus olhos chorando
De saudade!
Apparição de minha Amada
Pelo pantheismo do Nascente,
Sorrindo de mãos postas
Para o Céu
E cantando para Deus!.

Aurora!
Mulher morena e linda,
Com perfume de nardo
E magnolia!
Primavera de abraços
E volupias,
Em sorrisos aberta, a cantar
Bem alto
A tentação da carne e o peccado
Do amor, o peccado sublime,
Porque a gente sempre morre
E abençôa a illusão
De ser feliz!

(«Poemas de Amôr»).

BENEDICTO LOPES

Extinguir-se-á a Sociedade das Nações?

A 65ª. sessão da S. D. N. vem de ser aberta no salão do "l'Horloge" do "Quai d'Orsay", para resolver o grave problema da Mandchuria, em condições bem embaraçosas para a instituição de Genebra, que até agora nada conseguiu resolver, nem obter, do extremo Oriente, onde, dia a dia,

A Sociedade das Nações reuniu-se em Paris para resolver o conflicto Sino-Japonez.

(Serviço photographico especial do FON-FON em Paris).

O novo delegado allemão, sr. Von Duler, sahindo do Quai D'Orsay.

a situação mais se aggrava entre o Japão e a China.

Chamado pela segunda vez em duas semanas a se occupar do conflicto, o Conselho da SDN, na impossibilidade de desarmar o Japão (que insiste em manter, a fundo, a sua operação de "*policia*", e entender-se directamente com a China) tomou a unica attitude que lhe restava: *temporizar*. — Mas o tempo obstina-se em não ser amigo da SDN. — As hostilidades entre o Japão e a China accentuam-se dia a dia. — Ainda que

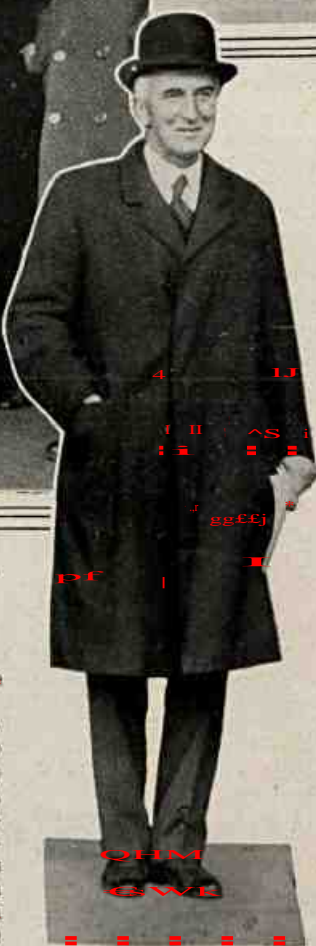
Instantaneo do delegado italiano, sr. Scialoja, quando deixava o Quai D'Orsay.

* * *

não se consiga decifrar a verdade através dos telegrammas, quasi tendenciosos, do Oriente, comprehende-se que a China, com os seus fantasticos governos de Nankin e Cantão, força o mais que póde a Mandchuria, pelo systema da anarchia (o melhor para fugir ás responsabilidades), emquanto que o Japão, que não quer *officialmente* a guerra, deixa aos seus generaes toda a faculdade de desenvolverem "*acção e operação*", como si elle nada quizesse, ficando, mais ou menos, por traz da cortina, demittindo-os ostensivamente caso não ajam com efficacia.

A ultima esperança da SDN, não era chamar á razão esse paiz amorfo e invertebrado que é a China, mas, appellar para o *bom senso e lealdade*, o "*fair play*" do Japão. Essa attitude, foi a mais logica possivel, muito embora se tenha de convir que outra não havia. O Japão faz parte, a titulo

* * *

Sr. John Simon, novo ministro do Exterior da Inglaterra e delegado desse paiz no Conselho da Sociedade das Nações.

permanente, do Conselho da SDN., e, nesse titulo, varias vezes interveiu nas suas deliberações, quando se tratava de chamar á razão certos paizes europeus em conflicto. A sua attitude foi sempre louvada e apreciada, de modo que a SDN., não encontrando outro meio de resolver a questão, se volta para as attitudes anteriores do Japão, esperando que elle não se desminta, declarando que deve elle guardar o seu "standing" moral no Occidente. Mas o paiz dos Mikados é irreductivel, dando a entender que é sensivel á bôa opinião que fazem delle e da sua lealdade, mas que o excesso de sua população lhe impõe deveres de expansão pacifica, inutilmente contrariados pela China, dando a entender, mesmo, não ser elle quem abre o precedente dentro da Liga, fazendo, assim, lembrar que o primeiro a desobedecel-a foi Mussolini, que, no caso de Corfu, não pediu á SDN. nenhuma autorização para resolver uma injuria ao seu prestigio, exigindo, "*manus militari*", desculpas e reparações pecuniarias e que, não obstante ao seu "*accroc*" ao Pacto de Genebra, continúa a fazer parte do Conselho, onde goza do maior prestigio.

A verdade é que os Estatutos da SDN. são de uma insufficiencia absurda quanto aos seus poderes e sancções, collocando, na maioria das vezes, o seu Conselho em sérias difficuldades.

Hontem, ecoou enormemente a noticia do ataque do general Ma ás tropas japonezas, justamente quando o Conselho, em Paris, julgava ter chegado ao caminho de um entendimento. A decepção foi geral e, deante da noticia do rechassamento e da tomada de Tsi-Kar pelos japonezes, o desapontamento, não só do Conselho, mas de todos, foi enorme.

A intervenção da SDN. torna-se, dia a dia, mais difficil e não creio que ella possa ser efficiente. Briand, seu presidente, hontem adoeceu e os jornaes da opposição vêem nisso o melhor attestado da inutilidade de um conselho creado para evitar a guerra e que, no momento preciso, é impotente para manter os seus designios.

As conversações continuam sempre, mas tanto o Japão como a China mantêm o firme proposito de continuar irreductiveis. A opinião geral, aqui em Paris, mesmo dos mais optimistas, é que a SDN. falhou e que, por isso, se deve acabar com ella. Hontem o "Paris Midi", jornal de maior circulação á tarde em Paris, dizia: — "*Assistimos agora á agonia da SDN., que se vê em enorme ridiculo. Essa elocubração, nascida no cerebro cinzento de um alienado, (?) custou-nos varios milhões, mas foi um bom negocio para aquelles que conseguiram introduzir-se nos seus logares, fingindo tomarem-na a serio*"!...

Flagrante da reunião do Conselho da S. D. N., no «Quai-D'Orsay», em Paris, vendo-se ao centro o sr. Briand, presidente.

(Serviço especial do FON-FON em Paris).

Emquanto isso, a guerra continúa e se alastrar no extremo Oriente e, talvez, com enormes consequencias, no Occidente.

Como acabará tudo isso?

Bricio de Abreu

(*Correspondente especial do "Fon-Fon" em Paris*)

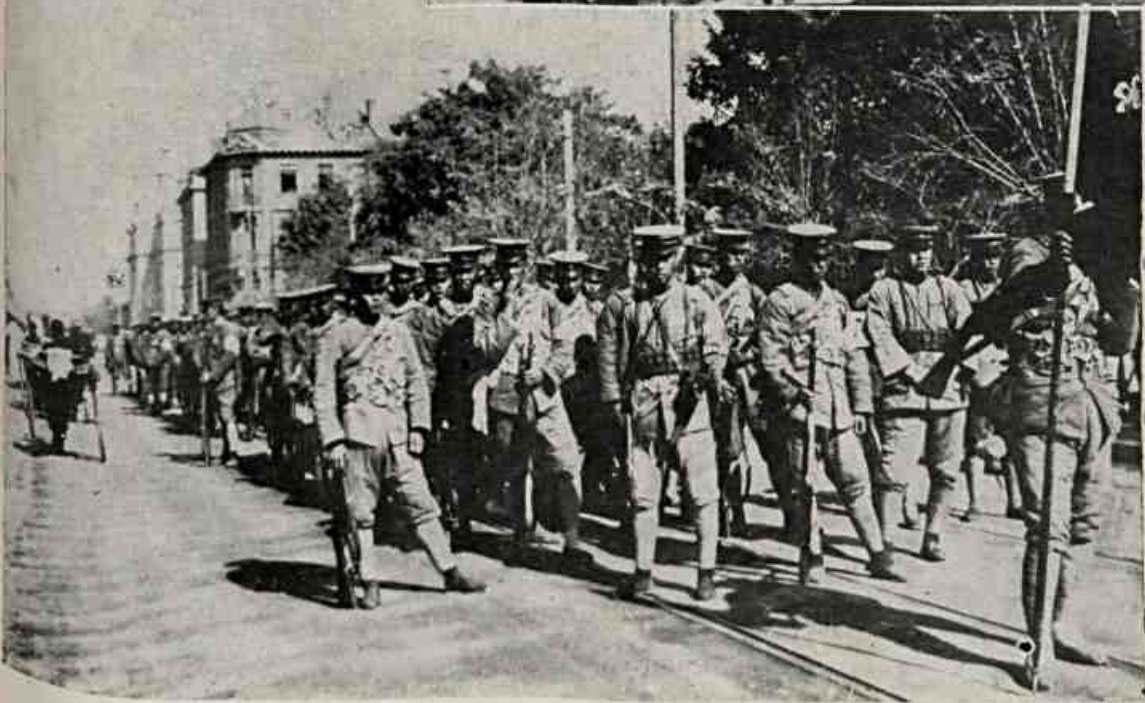
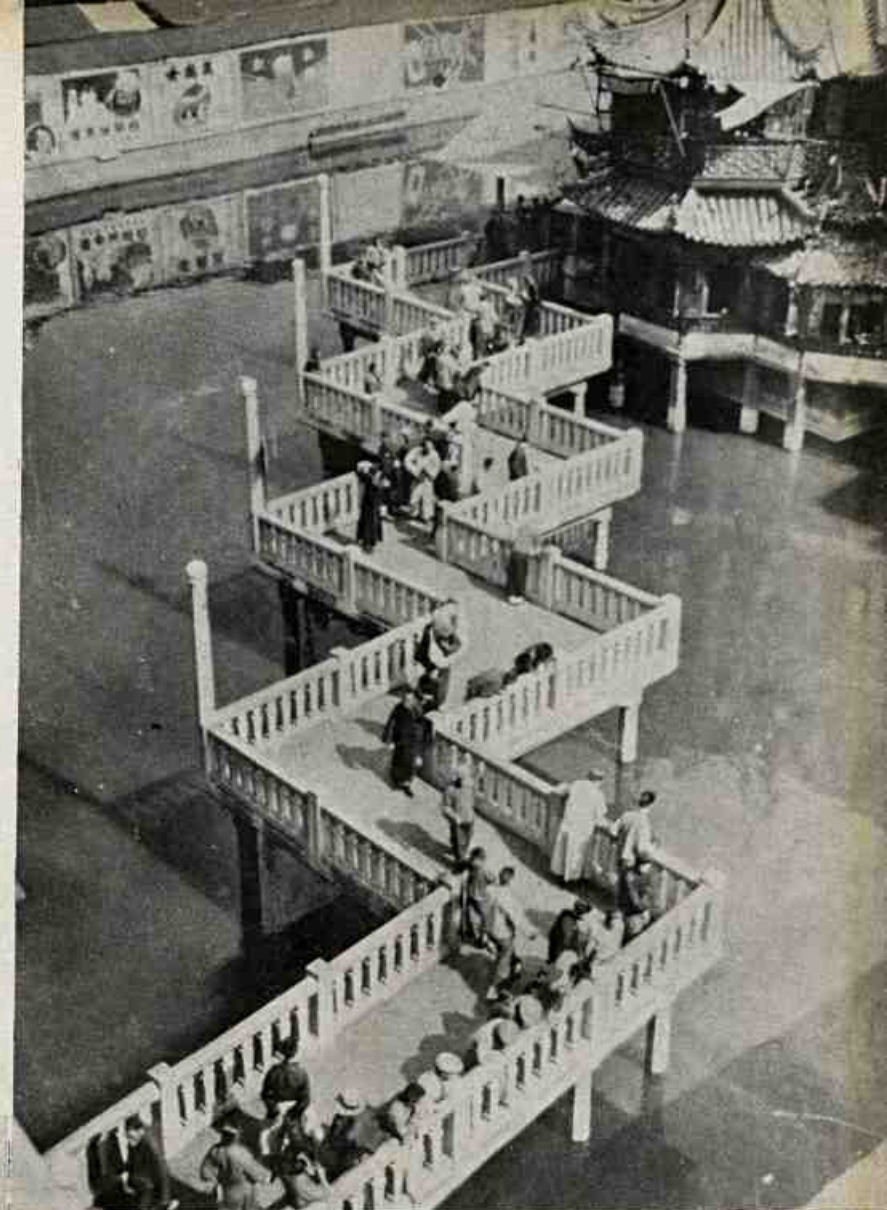
COISAS DA LÍNGUA

E' curioso como nas línguas européas aparecem hoje termos tirados do português, mal traduzidos ou mal transcriptos e desfigurados de tal sorte que são quasi irreconhecíveis, parecendo até coisas inteiramente novas. Por exemplo, o pau de aguila deu em francês bois d'aigle e em inglês eagle wood, quando nada tem a ver com a águia bicho. Bicho do mar se transformou em biche de vier e bêche de mer. Bayadére não é mais do que bailadeira e albatróz sáe de alcatraz. Cutter vem de catur que foi apanhado na India como cot de catre e macaco de mucaréu. Ha engraçadissimos: mort de chien por mordexim e boy por boi, rapaz indú carregador de onde o boy inglês. As melancias e pastéque na França por causa da pateca do Indostão através da nossa língua. O alligator é simplesmente a corruptéla anglo-saxonia de lagarto. E fôram os lusos que do Oriente primeiro trouxeram os nomes de Xá (shah), Xogum (shogum) e Rajá (rajah), etc.

. . .

Curiosa ponte sobre o Wampos, quasi na embocadura do Yang-Tse-Kiang, ou Rio Azul, que liga as concessões européas e japonezas á Cidade Chineza, agora em poder dos nipponicos, e que tem sido motivo dos ataques do general chinez Ma.

Em baixo: As tropas japonezas, após a tomada de Tsi-Tsi-Kar, conservam-se em guarda, nas ruas da cidade.

(Serviço especial de FON-FON em Paris).

ARTE CHOREOGRAPHICA

Uma tarde linda, para os espectadores do Lyrico, foi a de quinta-feira ultima, com o vesperal de arte choreographica que alli se realizou, sob a direcção dos professores de danças classicas, Pierre Michailowsky e Véra Grabinska. No programma, tomaram parte todas as discipulas desses dois conhecidos artistas, e que são figuras de destaque na sociedade carioca. Estampamos aqui diversos flagrantes dessa linda festa de arte.

CARTAS DE AMOR

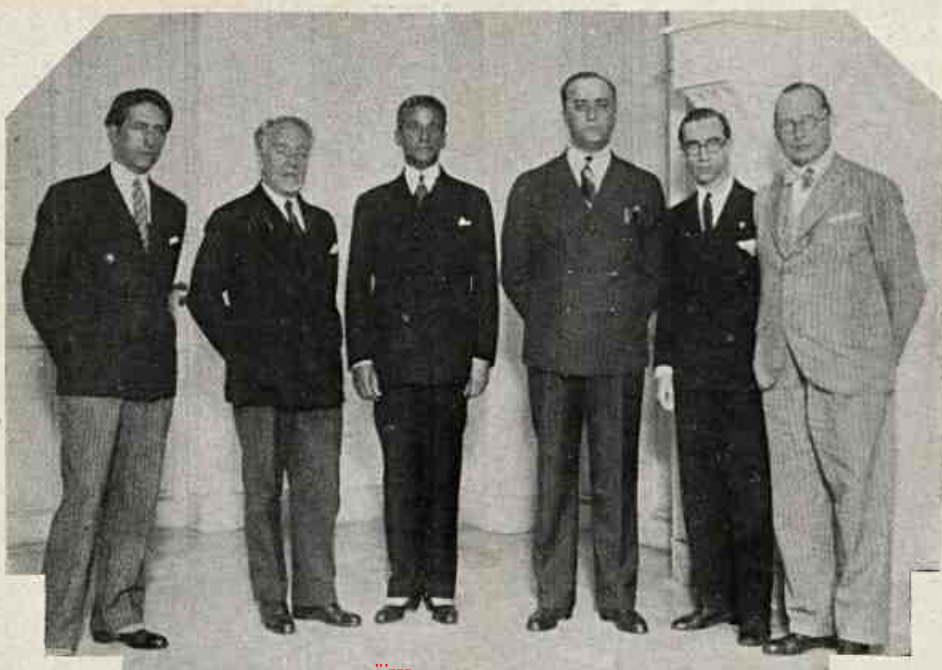
Quando me vêm do correio,
Com que loucura abro e leio
As lindas cartas de amor!

Em papel cortado em tiras,
Quão doces são as mentiras
Nascidas de uma alma em flôr!

De tanta doçura fartas,
Recebo-as como um trophéo;

Cartas de amor não são cartas,
São pedacinhos de céo!

Venturelli Sobrinho

O dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON e membro eminente da Academia Brasileira de Letras, realizou, quarta-feira penultima, no salão nobre do «Petit Trianon», uma conferencia sobre o thema «Jan Kochanowski e o seculo de ouro da literatura poloneza», em que focalizou sobretudo a vida e a obra do grande poeta da Polonia cujo quarto centenario acaba de ser commemorado. Promoveu essa palestra a Sociedade Polono-Brasileira «Kosciuszko», que quiz assim cultuar a memoria de Jan Kochanowski e tornar mais conhecida no Brasil essa illustre figura literaria do seculo XVI. O nosso «cliché», ao lado, representa um grupo tomado na Academia Brasileira de Letras, antes da conferencia do dr. Gustavo Barroso, e em que apparecem, ladeando o autor de «O bracelete de Saphyras», o presidente da Sociedade Polono-Brasileira «Kosciuszko», dr. Mello Vianna, o representante do Ministerio da Instrucção, o secretario de Legação da Polonia e os academicos Rodrigo Octavio e Olegario Mariano.

FILIGRANAS

O nome vigilenga, que pertence á linguagem regional da Amazonia, tornou-se famoso no Brasil e quiçá na America depois que uma embarcação dessa especie chamada *Jurunas* salvou uns aviadores argentinos.

Informa Alves Camara no seu curioso livro sobre as *Construcções navaes Indigenas do Brasil* que o seu nome vem da cidade paraense de Vigia, de onde em geral partem para a pesca no mar e no rio. Accrescenta: "São conhecidas pela côr de roxo-terra, que é dada com o sumo extrahido por meio do cozimento da casca de muricy, mangue e outros." E' a mesma côr que se dá ás velas das jangadas no Ceará.

A vigilenga, graças ao serviço prestado á aviação de nossos vizinhos, póde fugir á penumbra de sua obscuridade e conseguiu apanhar alguns veios do ouro da fama...

O sr. embaixador Fernand Peltzer offereceu, sexta-feira penultima, no Copacabana Palace Hotel, uma recepção ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico, aos membros da colonia belga e á nossa sociedade, para commemorar a data natalicia de sua magestade o rei Alberto I.

CARTAS, PEDAÇOS D'ALMA...

E' dentro de luxuosa caixa de bombons que repousam as cinzas, os sorrisos, as lagrimas e os soluços de todos os meus affectos presentes e passados.

Eu gosto de remexer, ás vezes, essas cinzas. Espalho as cartas multicôres sobre a cama. Displicentemente, vou recordando os meus anseios, os meus sustos, as minhas adorações...

Abro a primeira carta. Está cheia de acrisolado amor, amor infantil... Murmuro: "Cretino!" Continúo a minha resurreição ao passado. Cartas azues de poeta delicado. Roxas, de doutorando convencido. Que? Papel almasso tambem? Ah! Foi aquelle idiota que me pedia em casamento... E as imagens se succedem rapidamente... E as imagens me transportam ao tempo em que eu ainda me dava á bizarria de sonhar...

Esta... Começa com Vicente de Carvalho. De quem será?

"Minha divina Boneca:

"Essa felicidade que sup- [pomos,
Arvore milagrosa que so- [nhamos
Toda arreada de doirados [pomos,
Existe, sim; mas nós não [a alcançamos,
Porque está sempre apenas [onde a pomos,
E nunca a pomos onde nós [estamos..."

"O vate paulista, minha divina Boneca, deu fôrma e extensão á idéa que Carmen Sylva, a illuminada rainha da Rumania, consubstanciou em meia dúzia de palavras, affirmando que «a felicidade, como um éco, responde, mas nunca se aproxima».

Eu sinto, agora, que as minhas cartas são mais alma do que espirito — porque ha momentos em que alma e espirito são tão differentes... E sinto que a felicidade é mesmo como um éco. Sôa, ás vezes, nas linhas telephonicas, através das quaes eu te recitei ha pouco a chave do segredo do poeta da "Rosa, rosa de amor..."»

Mas nunca se aproxima!... Como foi um vidente miraculoso esse bardo da Terra dos Bandeirantes, que tão bem definiu, ha longos annos, o que seria o meu momento! «Mas nunca se aproxima!»

Nem se aproximará talvez! ...

Tu, hoje, permitte que t'o diga, tens uma influencia decisiva no meu viver. Eu já não o poderia occultar. Não sei onde poder, ao menos para transformar o pedaço de céo em que habita a minha Terra de Chanaan, na minha Terra da Promissão, no alvo dos meus sonhos, no altar das minhas orações!...

Não importa! Eu só peço, com a alma ajoelhada — como na [illegible] de Victor Hugo — que te apiedes de mim, que abras a tua alma á commiseração e pelo o soffrimento que [illegible] ter...

Porque eu te adivinho através do teu espirito luminoso, com a convicção dos teus "olhos" [illegible] uma creatura maravilhosa que me deslumbrará, que me aturdirá, mas que me fará soffrer infinitamente...

O enlace nupcial da gentil senhorita Regina Rezende, filha do dr. Antolpho Rezende, com o sr. Ismar de Castro Neves, celebrado no ultimo sabbado, nesta capital, foi uma nota de grande repercussão em nossa alta sociedade.

O ministro da Marinha, almirante Protogenes Guimarães, offereceu, no Club Naval, sexta-feira penultima, um almoço em homenagem ao commandante e officiaes do navio-escola hespanhol «Juan Sebastian Elcano».

O Syndicato Medico Brasileiro promoveu, quarta-feira penultima, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, uma brilhante solennidade para commemorar o quarto anniversario de sua fundação, sendo a mesma presidida pelo dr. Belisario Penna, ministro da Educação, que apparece no grupo acima, ao lado do professor Miguel Couto e entre membros da directoria do Syndicato.

Eu não posso mais, minha Boneca, impedir que apliques a mim os versos do poeta, endereçados a uma mulher que se confessava:

"E eu pude ver — estranho [Lovelace —
Essa palavra — Amor —
[em lettras de ouro
Gravada no carmim da
[sua face!"

Eu já não posso reter no meu intimo o que extravasa de todos os meus pensamentos a todas as horas dos meus dias, porque vivo a pensar em ti, a idear-te, a querer-te, a desejar por que me fales, a beijar as flores que me vieram de ti, numa loucura impossivel de conter!

Boneca! Recebe a minh'alma agora, porque esta é, mais do que todas, a carta que representa a alma affirmada na prosa do psychologo da "Comedia Humana"! Recebe-a! Porque eu, desgraçadamente, sem o querer, sem pensar nisso, mas sem forças para reagir, sem animo para retroceder, eu te digo que te amo!

Has de perdoar-me, estou certo, porque a culpa é tua.

Foi o fulgor do teu espirito, a tua causerie incomparavel, as tuas paginas preciosas, as tuas flores cheias de symbolismo — os cravos que me prendem á cruz do myrtyrio, a saudade que é a minha companheira de agora —, foi tudo, tudo isso que me empolgou, que me transtornou, para que eu seja agora alguem que já não se pertence e não poderá dizer do dia de amanhã!

"As mulheres amam muito tempo antes de confessal-o; os homens têm já deixado, ha muito, de amar, quando continuam a confessál-o ainda."

Foi o que disse Wertheimer.

E' mentira, porém! E' mentira, porque eu sinto que falo a verdade, proclamando que te amo!

Beija-te as mãos, o Octavio"

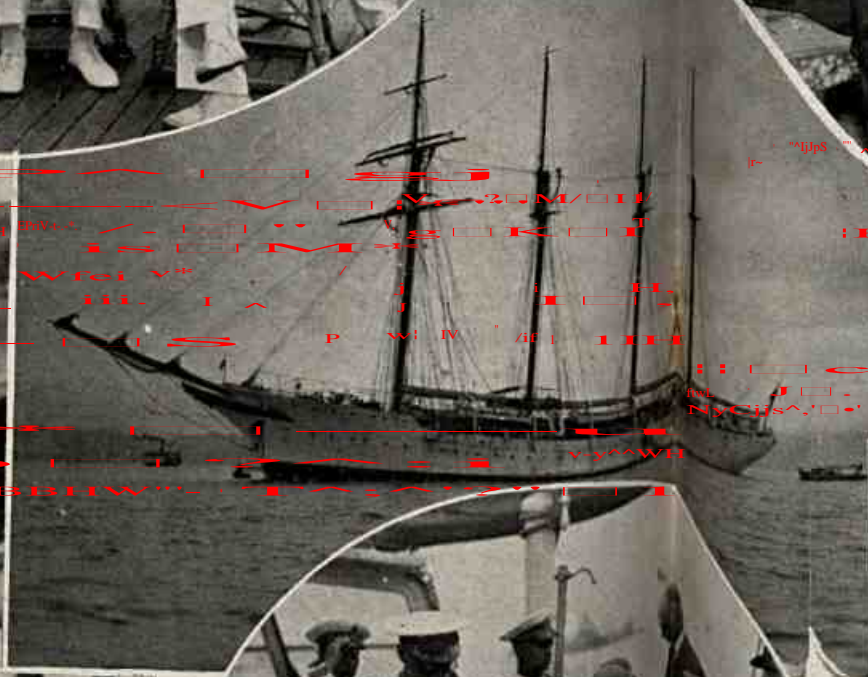
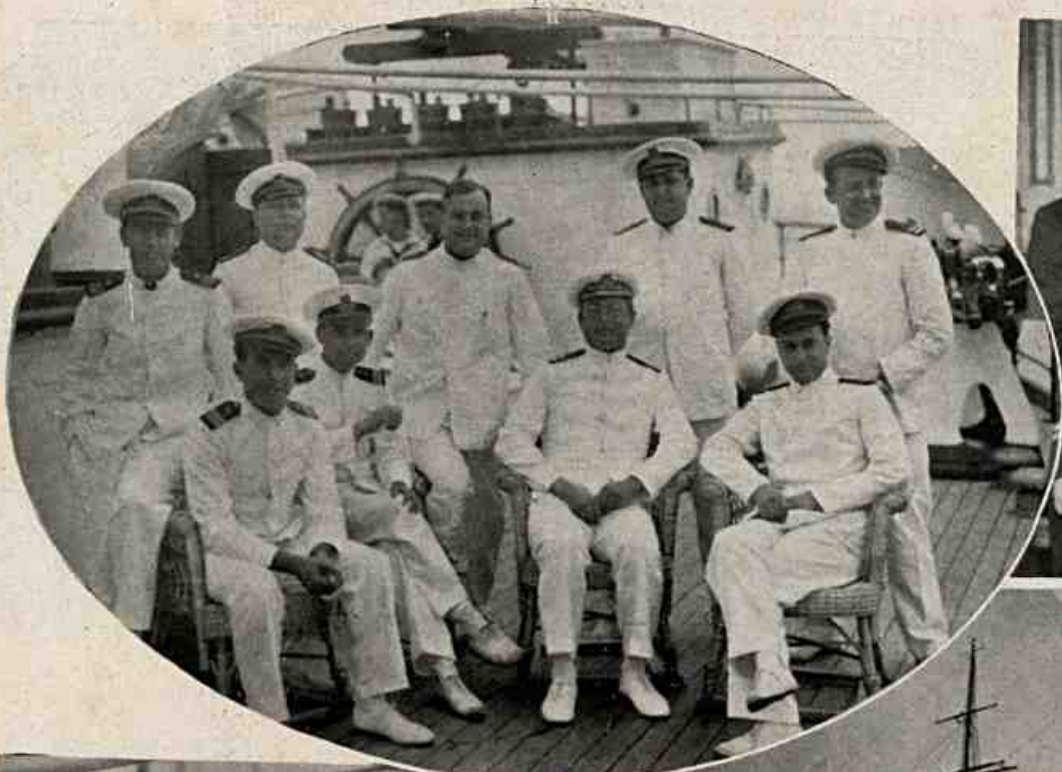
Octavio... Tenho muitas cartas assignadas com este nome. Quero relêl-as todas. Hoje não. Estou com somno.

Pacientemente, torno a guardar os pedacinhos da minha alma e da minha vida.

O meu mundo cabe dentro de uma caixinha de bombons...

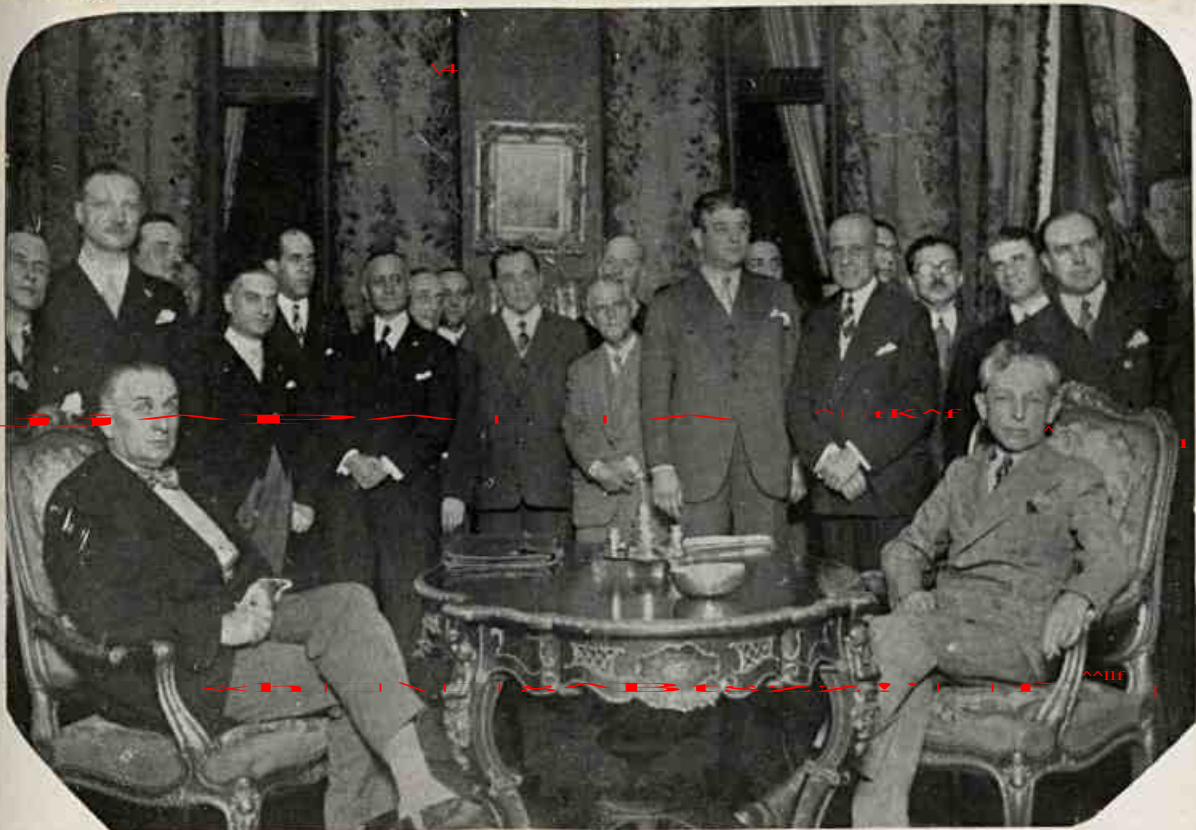
Que ironia!

CONCHITA CID

O 88.º anniversario da fundação do Instituto dos Advogados Brasileiros foi commemorado quinta-feira penultima com uma sessão solenne, em que fez o discurso official o dr. Eurico de Sá Pereira.

Num cruzeiro de instrucção chegou, ha dias, ao nosso porto, o navio-escola «Juan Sebastian Elcano», da marinha de guerra hespanhola. Para homenagear a officialidade e os cadetes da novel Republica, foi organizado um excellente programma de festas e excursões, que foi cumprido á risca. A nossa pagina offerece aspectos da chegada da unidade hespanhola ao nosso porto e as visitas do commandante e officialidade da mesma ao chefe do governo provisorio e ao ministro das Relações Exteriores.

O sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, assignou, por parte do Brasil, nos últimos dias, vários accordos commerciaes com outros paizes que mantêm representação diplomatica junto ao nosso governo. O primeiro foi com a Finlandia, representada no acto pelo sr. T. Oskar Vahervuori. E' um detalhe dessa cerimonia o que focaliza o presente «clichê».

Depois se realizou o accôrdo commercial Brasil-Tchecoslovaquia, sendo este paiz representado pelo sr. ministro Vojtech Vanicek, que alli apparece ao lado do ministro Afranio de Mello Franco.

O convenio commercial entre o Brasil e a Italia foi firmado solennemente no ultimo sabbado, com a presença do chanceller brasileiro e do embaixador Vittorio Cerruti, representantes officiaes dos dois paizes, e de altos funccionarios do Itamaraty e da embaixada italiana. E' um flagrante desse acto o que representa a photographia acima.

DA IRONIA DO POSTE

O poste, fincado nas calçadas e nos centros das avenidas, desafia a argucia do observador meticuloso e, por isso, merece uma referencia. Essas columnas de ferro ou de madeira, pintadas de piche, não deixam de ter a sua importancia. Com os seus muitos metros de altura, o poste não se torna incommodo a ninguem, e é indifferente a tudo, excepto ao fim a que se destina: conductor de fios electricos e telephonicos, ou porta-signaes. Simples na sua contextura, elle não deixa, comtudo, de ser altivo quando provocado. Raro é o luxuoso automovel que, ao seu encontro, deixa de sahir bastante prejudicado, emquanto elle, impávido, poucas vezes vencido, se conserva erecto no seu logar.

A semelhança do poste á compostura de certos homens é, positivamente, accentuada. O poste parece ter a alma de um philosopho impregnada no ferro.

ALEXANDRE PASSOS

. . .

Mais uma obra do professor Manoel Bomfim vem recommendar-lhe, não só os meritos, o valor cultural, já consagrados, mas, tambem, o admiravel e fecundo dynamismo do seu grande espirito. Depois de «O Brazil na America», e «O Brazil na Historia», abrangendo, ambos, desenvolvido e elevado estudo da nossa vida politica e social, o illustre historiographo e sociologo offerece aos circulos culturaes do paiz um novo e precioso trabalho, em dois volumes, intitulado «O Brazil Nação». Nessa obra, o professor Manoel Bomfim, proseguindo nas suas investigações historico-sociologicas, estuda a realidade da soberania brasileira, com a autonomia e a competencia que todos lhe reconhecem, offerecendo-nos um quadro vivo, movimentado da formação da nossa nacionalidade no periodo historico que vem da independencia aos nossos dias. E' mais uma preciosa contribuição que acaba de prestar á historia patria o illustre escriptor, a cuja actividade espiritual tão fecunda quão util, devemos tantos outros trabalhos de grande e reconhecido valor.

. . .

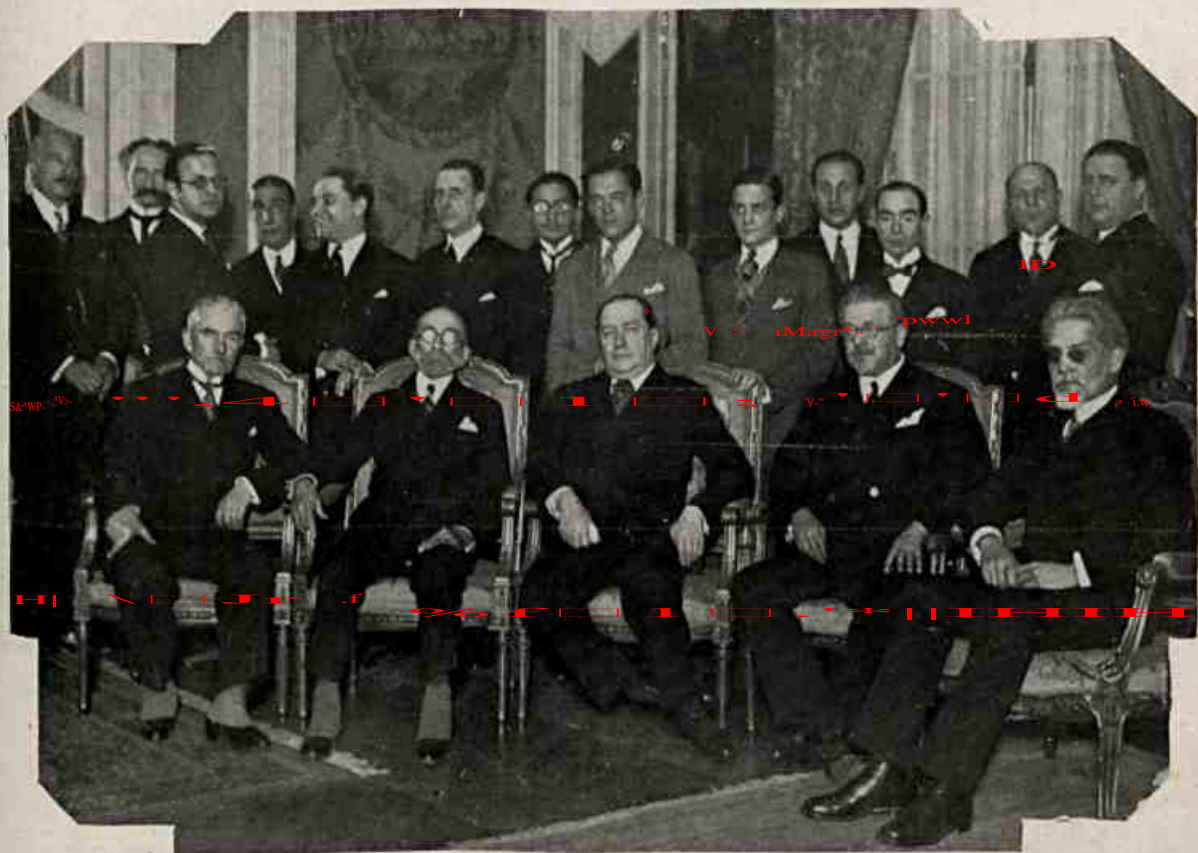
O producto da collecta do «Dia da Margarida», que alcançou, como foi amplamente noticiado, algumas dezenas de contos, se destinou a varias instituições de caridade, entre ellas, a obra piedosa do Retiro dos Jornalistas, cuja parte o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, recebeu, em cheque, das mãos da exma. sra. Getulio Vargas, esposa do chefe do governo provisorio, e em presença das demais promotoras do nobre movimento. E' um flagrante desse acto o que focaliza a presente gravura.

O RISO

Em presença do triste espectaculo que o mundo actualmente offerece, a gente não sabe si deve rir ou chorar.

Os timidos e desilludidos de qualquer crença choram. Os crentes e os fortes riem. Porque o riso é, como diz Rabelais, proprio do homem e porque se sente a necessidade dum Rabelais para rir a bandeiras despregadas do mar de tolices que submerge a humanidade. O melhor remedio para a crise não é o sorriso apregoado nas campanhas de bom humor, porem o riso franco da philosophia e da indulgencia, a grande gargalhada que preconisava, saindo das trevas da idade-media, aquelle que Eliphas Levi denominou o Messias do Renascimento.

O nosso illustre patricio, dr. Alfredo Ferreira Lage, director fundador do Museu Mariano Procopio, de Juiz de Fóra, offereceu a FON-FON uma linda medalha commemorativa da fundação daquelle notavel estabelecimento, a 28 de Junho de 1921. Essa medalha, de que estampamos a reproducção acima, é um precioso trabalho artistico de Girardin, e traz as effigies de Mariano Procopio Ferreira Lage e d. Maria Amelia Ferreira Lage, com as datas do nascimento e morte de ambos, lendo-se, ainda, no verso, a seguinte legenda: «A cidade de Juiz de Fóra, commemorando solennemente a 23 de junho de 1921 o 1.º centenario do nascimento de Mariano Procopio Ferreira Lage, no solar que pertenceu a esse benemerito brasileiro e sua extremosa esposa, foi pelo dr. Alfredo Ferreira Lage, filho do illustre casal, fundado e doado ao povo de Juiz de Fóra o Museu Mariano Procopio».

Commemorando a data de 15 de novembro, o embaixador Souza Dantas offereceu, na séde da nossa embaixada em Paris, uma recepção á sociedade brasileira domiciliada na Cidade Luz e ao corpo diplomatico estrangeiro acreditado junto ao governo francez. Foi uma reunião que constituiu um dos grandes acontecimentos mundanos da ultima quinzena de novembro, em Paris. O cliché de cima fixa um aspecto da sala de honra da embaixada brasileira, vendo-se ao centro o dr. Luiz de Souza Dantas ladeado de alguns membros proeminentes da colonia brasileira em Paris e do corpo consular e diplomatico e representantes do governo francez.

Outro aspecto da recepção de 15 de novembro, na embaixada brasileira em Paris. O embaixador Luiz de Souza Dantas entre compatriotas de s. ex. residentes em Paris e membros do corpo consular e diplomatico.

ABANDONO

Naquella noite ella partiu... E o pobre pensador, absorto, fincado o rosto nas mãos esguias e ossudas, pensava na mulher que o abandonára. Longos annos com ella vivera. Fôra sua companheira de todos os sorrisos, porque, depois que a conhecêra, nunca mais tinha chorado. Fôra tudo manhã desde que ella, »penetrando sua porta, fôra acolhida em seus braços vigorosos. Elle — até então triste — tornou-se alegre... E as canções que aprendêra nos tem-

Maria Antonia, filhinha do tenente Langleberto Pinheiro Soares e de d. Maria de Carvalho Soares, residentes em Araraguay (Minas).

pos da meninice voltaram como voltam, após o inverno, as andorinhas aos beiraes.

Cantava. Ella era tudo, tudo para elle!

— Exquisita mulher!... Indecifravel creatura!... Onde quer que elle estivesse, todos lhe notavam a transformação. — "Estás mais bem disposto, hein?" — diziam uns. "Boa vida, caboclo!", murmuravam outros. E elle, assim, comprehendia que a transformação era patente e radical. Todos percebiam claramente. Seu cerebro — até então paralysado — começou a architectar planos faustosos. Sonhou que era rico... Tinha muitos creados e dava banquetes...

Mulheres lindas o disputavam, e elle as examinava, e repellia, calmamente... Suas mãos, cheias de moedas, elle as entregava ás mãos mesquinhas dos mendigos... Mas, agora... tudo acabado!...

Onde seus sonhos cheios de belleza? Onde aquellas noites que sonhára, deliciando-se com as exóticas musicas?...

. . . .

... E o pobre pensador, absorto, fincado o rosto nas mãos esguias e ...

Denise, galante filhinha do sr. Fernando Capanema e de d. Gilda Prazeres Capanema.

Lucia, a interessante filhinha do casal Garcia Pereira-d. Elzir Pereira, fazendo uma «pose» para o photographo...

A «Casa Assembléa», conceituado estabelecimento de calçados da firma Alves & Maciel, que acaba de passar por grandes melhoramentos, inaugurou, segunda-feira ultima, as suas novas installações, offerecendo, por esse motivo, um «lunch» á imprensa e a varias pessôas gradas especialmente convidadas para o acto. Os proprietarios da «Casa Assembléa», srs. Antonio Alves Velho e Jaettes Carlos Maciel, foram muito cumprimentados pelo auspicioso acontecimento, que veiu augmentar o prestigio deste conhecido estabelecimento commercial quasi fronteiro a FON-FON, á rua da Assembléa, numero 87.

No «Edificio Lowe» do conceituado educandario, que é o Collegio Baptista, na Tijuca, realizou-se, na penultima sexta-feira, a solennidade da collação de grão dos seus bacharelandos de 1931. A cerimonia, que foi presidida pelo dr. H. H. Muirhead, illustre director daquelle instituto de ensino, revestiu-se de raro brilhantismo, tendo attrahido numerosa e distincta assistencia. Como paranympho da nova turma de bacharelandos do Collegio Baptista, falou o notavel orador e professor, dr. Daltro Santos, que produziu eloquente discurso.

...osas», abria para o céo os grandes ... acismarentos. Parecia-lhe de... todo o seu eu. E tudo quanto ... elle amaldiçoava, agora que começava a comprehender...

Naquella noite, ella partira... E aquella mulher infiel, que o enganára, assim poderia proceder, porque entrara sua porta em um dia de sonho: era a Illusão!

Paula Chaves

PARA CORRESPONDENCIA POR VIA AEREA

O Laboratorio Nutrotherapico, da firma Dr. Raul Leite & Cia., offereceu-nos, acompanhados de attenciosa carta, alguns envelopes para correspondencia por via aerea, que estão sendo distribuidos a titulo de propaganda daquelle importante estabelecimento com escriptorio á rua Gonçalves Dias, 73, nesta capital.

Em Paris é commum e constitue uma das attracções dos seus «magasins». No Rio, ha muito se vinha impondo. Trata-se da sala de descanço e toilette que a casa Machado installou para maior commodidade de sua clientela. Ali, as damas elegantes podem escolher os lindos chapéus, as maravilhosas rendas e as inegualaveis meias de seda «Sally», tres especialidades da casa, emquanto retocam sua «maquillage» e folheiam as revistas de moda. E' o que mostra a nossa photographia.

Casas da Criança

Foi o grande acontecimento da semana no mundo commercial do Rio: a inauguração de «Casas da Criança», á travessa de S. Francisco, 8 e 10. Os srs. Lemos & Cia. Ltd., seus proprietarios, conseguiram fazer desse acontecimento um facto memoravel na vida do Rio, associando-se ao seu contentamento o mundo official, na pessôa do sr. prefeito do Districto Federal, e a imprensa desta capital. A nota mais sensacional dessa festa foi a inauguração da «escada rolante», conhecida pelo nome de «Escalador», producção da Companhia «Otis», empresa bem conhecida na nossa praça, sendo essa a primeira que funcciona no Brasil. As nossas gravuras representam, de cima para baixo, o pessoal feminino de «Casas da Criança» na escada rolante; a inauguração, pelo representante do sr. prefeito, da mesma escada; e o mundo social que acompanhou os srs. Lemos & Cia. Ltd., na festa da inauguração, em que receberam sinceras e calorosas manifestações de applauso á sua iniciativa e os votos sinceros pela prosperidade do seu novo estabelecimento, votos a que nos associamos. Para a benemerita instituição «Pro-Matre», os srs. Lemos & Cia. Ltd. destinaram 10 % das rendas dos tres primeiros dias de «Casas da Criança», que começou a funccionar no passado dia primeiro, com grande exito.

FON-FON NO CINEMA

Com espanto de todos, elle entregava o sacco da correspondencia.

O CAÇULA HEROICO

Da Columbia

Para Programma Matarazo

Direcção de John Blystone e interpretada por:

NOAH BEERY, JOAN PEERS e RICHARD CROMWELL

Modesta, benquista, a família Kinemon vive tranquilla e feliz naquelle pedaço de terra. Não tem grandes aspirações. Não ambiciona riqueza. Não vae além da vulgar, commum, de gente; mas, apesar da vulgaridade, ou talvez devido a ella — tanto é verdade que a felicidade reside mais nos simples que nos privilegiados de qualquer espécie — os dias passam serenos, bonançosos, sem grandes novidades, mas tambem sem grandes amarguras. Os Kinemons vivem para o "jour-le-jour" invariavel e sediço, entregue aos seus misteres rústicos, domesticos, que lhes dão o sustento de cada dia, até que seus vizinhos, os Hatburn, com quem sempre mantiveram uma aproximação de grande cordialidade, recebem a invasão de tres parentes indesejáveis: Isaac e seus filhos Luke e Bullard, recem-saidos da cadeia mais próxima, onde cumpriram pena por qualquer acção que de certo deve ter sido das mais exemplares...

Ia partir, confiante na sua força.

Hatburn e sua filha Esther sentem-se apavorados com a invasão desses tres brutos, que transformam o lar, até então quieto, bonançoso, numa verdadeira casa de loucos. Nada os satisfaz. Todos os trabalhos a que obrigam a pequena Esther são insufficientes, e pedem, exigem e impõem sempre cada vez mais... O velho Hatburn, enfraquecido, já sem energias vitaes, nada pode fazer e soffre amargamente, assistindo ás humilhações a que aquelles tres monstros submettem sua pobre filha, agora reduzida ás condições de uma simples creada para satisfazer-lhes todas as exigencias e imposições...

Esther alimenta, desde a infancia, um lindo idyllio com o pequeno David, filho dos seus vizinhos, e ambos sonham melhores dias, quando elle, um homem vigoroso, respeitavel, senhor de uma profissão que terá de ser a de cocheiro da diligencia postal — porque sempre invejou a imponência e o garbo com que seu irmão mais velho, Alan, empunha as rédeas da diligencia — puder tambem constituir o seu lar e fazer de Esther a sua queridinha esposa.

Mas, por emquanto, ninguem o leva a sério! Não passa de um criançola e como tal é considerado por todos os habitantes do logarejo... Que importa a sua força, o seu ideal, a sua fé e vontade indomaveis? Ha de ser ainda, e por muito tempo, David o caçula, David o garoto esperto, que apenas se tolera...

Naquella manhã, entretanto, seu irmão Alan, quando dirigia mais uma vez a carriola, teve um incidente com Luke, um dos máos parentes de

O seu peito sentia-se revoltado com tanta maldade.

Confidencias.

Hatburn. Motivou-a um cachorro de David, que, antipathizando com Luke, investira sobre elle, ameaçando mordêl-o, e recebera uma pancada sobre o craneo, morrendo instantaneamente. Alan toma a defesa do pobre animal, mas sáe-se mal desse primeiro encontro com Luke, que lhe atira uma pedra nas costas, deixando-o tambem cahido, inconsciente. Examinado pelo medico do lugar, virificou-se que, em consequencia do ferimento, o pobre rapaz ficaria com a espinha dorsal paralytica. Desesperado com a fatalidade cahida sobre o seu filho idolatrado, o velho Kinemon resolve tomar a desforra, mas um ataque cardíaco fulmina-o justamente quando seguia resoluto para a vingança.

A mão trágica de um destino máo cahia sobre aquellas pobres cabeças, até ali habituadas a uma vida calma... E agora David é o único homem da familia! Sobre seus hombros pésa toda a responsabilidade da casa: é preciso vingar-se de duas desgraças... David está prompto a cumprir o seu dever, mas sua pobre mãe supplica-lhe que fique. Seu lugar é ali para prestar assistência á cunhada, ao sobrinho recem-nascido, ao irmão paralytico e a ella mesma, cançada, envelhecida...

Mas a sua situação é insustentável! Agora terá de supportar todos os motejos e risotas que escuta quando passa pelas ruas, sem lhe comprehenderem o sacrifício e abnegação! — Covarde! Pusilânime! — dizem todos. Um creança [illegible] que não teve forças para vingar a desgraça [illegible] por aquelles tres bandidos.

Um dia, porem, [illegible] a permissão para guiar [illegible] diligencia postal. [illegible] que orgulho e [illegible] elle empunha as [illegible] chicoteando os animaes [illegible] Mas o destino persegue-o [illegible] em meio da viagem [illegible] da carriola o sacco [illegible] respondencia, que [illegible] Hathurn apanhou e [illegible] conder em casa...

(Conclúe na pag. 52)

Iam finalmente ser felizes.

A presença da amiga e rival irritava-os.

"Casamento singular"

Da Paramount, com Tallulah Bankhead e Clive Brook

Elle sentia que a mulher lhe queria fugir.

NANCY COURTNEY luta comsigo mesma, ou, melhor, luta com o seu «caso amoroso». Orphã de pae, a moça, que fôra riquissima, que nunca precisára de andar a fazer conta do dinheiro que a sua vaidade lhe exigia para todo o luxo possivel, morto o pae e desperdiçada a grande fortuna por elle deixada, vê-se na necessidade de manter o mesmo luxo de outróra, numa vida que só na apparencia se baseia. Para affectar esse «viver de rico», emprega-se Xancy, ora como modelo de annuncios, ora como agenciadora de modas para certos "magazins", mas, na verdade, o dinheiro ganho nesses afazeres não lhe chega senão para as pequenas necessidades de cada dia; afim de manter a sua ficticia pompa de outros tempos, vale-se a pequena do antigo credito da familia, e dahi resulta o accumulo de contas a pagar e a imminente ruina do nome de Courtney.

Entretanto, resta ainda uma solução ao caso de Nancy: um casamento vantajoso. Um noivo de dinheiro bem poderia tirar a família dessa lastimosa situação de todo insustentavel. Esse pretendente rico não é para Nancy um sonho vão. Existe, na pessôa de Norman Cravath, um bem posto e distincto corrector de titulos da Bolsa de Nova York. A senhora Courtney, como a filha, acostumada á vida de riqueza em que se criou, almeja com todas as veras essa união de Nancy com o financeiro Cravath. Mas a filha, impulsiva e rebelde como é, despreza as insinuações maternas. Em logar de Cravath, ella ama a um escriptor theatral chamado De-Witt, rapaz de alguns merecimentos literários, mas de nenhuma fortuna, de quem a mãe não gosta.

Emquanto Nancy despreza os projectos casamenteiros architectados pela mãe, que queria vel-a casada com Cravath, Germaine, uma amiga de Nancy, assesta sobre o desejado cavalheiro as suas baterias de conquista. Mas é de Nancy Courtney que o corrector mais gosta.

Refugiára-se nos braços do homem que ella julgava amar.

Certo dia, indo Nancy fazer compras no grande estabelecimento da firma Sterner & C.º, oppõe-lhe a empregada difficuldades em levar a compra com os créditos da familia, visto estarem atrazadas muitas contas passadas. Nancy, bastante indignada e offendida no seu orgulho, vae ter com o capitalista Sterner, que a conhece, e resolve a situação como deseja, isto é, leva comsigo os objetos comprados. Ao chegar em casa, porém, lá a espera um cobrador de outra casa commercial onde a sua mãe fizera grande conta, sem a poder saldar. Felizmente, Norman Cravath, que viera tomar chá em companhia de Nancy, entrega um cheque ao cobrador como pagamento, embora sob o protesto das devedoras.

Estando em tamanhas aperturas, Nancy, muito a contra-gosto seu, resolve acceitar a mão de esposa que lhe offerece Norman. Casam-se, com grande satisfação da senhora Courtney, que julga ir a filha encontrar a felicidade na companhia do financeiro.

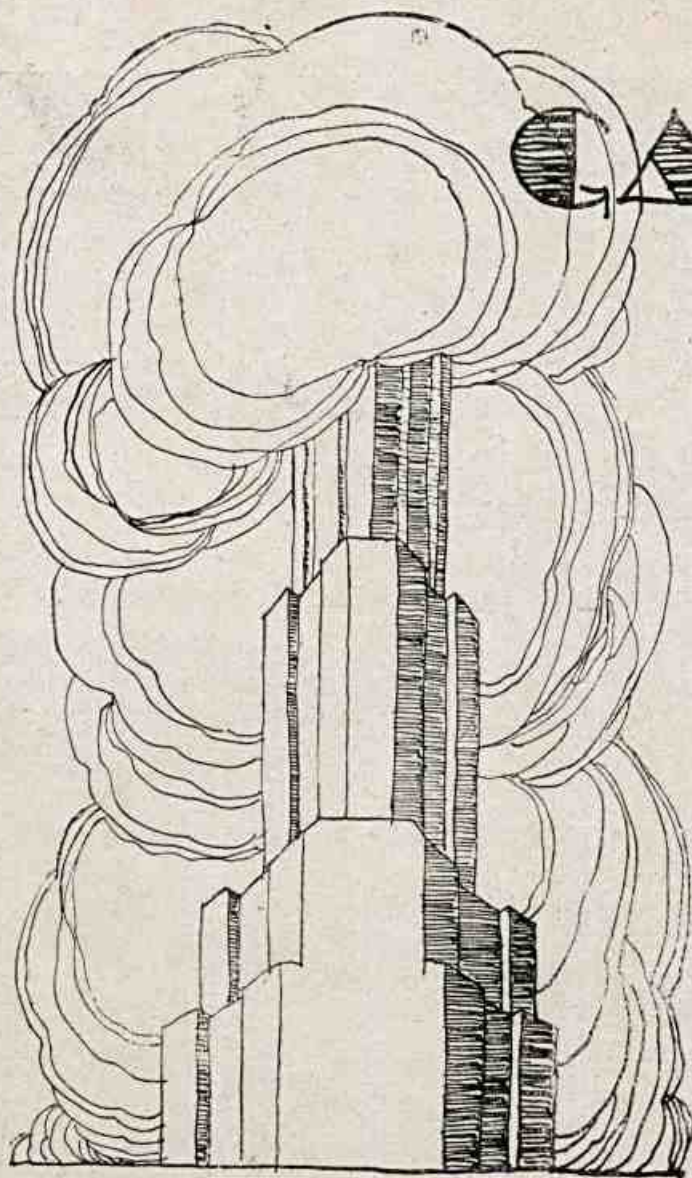
Norman, terminada a lua de mel, vae residir numa rica vivenda que mandára construir para ser o seu «ninho de amôr». Como a propria Nancy confessára ao seu predilecto De-Witt, esse casamento só se fizera para satisfazer a sua mãe, porque de outra maneira a familia não poderia sobreviver ás difficuldades pecuniarias que se lhe antolhavam. Desta fórma, mesmo casada, não se esquece Nancy do seu antigo namorado. Mas, por outro lado, a sua amiga Germaine, que vira Norman Cravath passar a ser esposo de Nancy, reclama a amizade de De-Witt, facto que não pode agradar a mulher de Cravath.

Os amores de Germaine por De-Witt, patenteados aos olhos de Nancy numa festa para a qual aquella amiga a convidára, accendem na alma da esposa de Cravath uma louca vontade de reconquista. Não tendo nunca amado o marido, Nancy está agora disposta a tudo, afim de rehaver a sua liberdade. Tendo-lhe morrido a tia Elisa, cuja pequena fortuna ficára para sua mãe, pode agora Nancy decidir do seu destino como bem lhe aprouvesse. A mãe, de posse da herança, ia passear na Europa, e a filha estava livre para agir.

Uma tarde, precisamente naquella tragica tarde da debácle financeira na Bolsa novayorkina, vae Nancy ter com o marido, no seu escriptorio commercial. Como o seu casamento tinha sido, segundo lhe dizia a mãe, «uma questão de finanças», justo é que fôsse ella procurar o marido so...

(Conclúe na pag. 52)

Era uma alma vencida.

SEGUNDA-FEIRA NO IMPERIO

GARÔA.

Sobre o amor e o dinheiro

O amor é um deus pequenino. O dinheiro é um grande soberano.

*

O dinheiro não traz felicidade, mas suaviza muitas infelicidades.

*

O dinheiro abre todas as portas, que o amor ou a dignidade não defendem.

*

Si não houvesse amor, e não houvesse dinheiro, não haveria miseraveis.

*

O amor céga. O dinheiro faz ouvidos moucos.

*

Dizem que o dinheiro tudo compra, até o amor. Não é verdade. O que elle compra é a illusão do amor. Mas nesse caso, os ricos são faceis de contentar.

*

Uma falta commettida por um pobre, póde ser um crime.

A mesma falta, commettida por uma pessôa rica, será, quando muito, uma leviandade. São as medidas e os pesos da sociedade.

*

Não digas mal do dinheiro. Que seria sem elle a caridade?

*

Não digas mal do amor. Que seria sem elle a vida?

*

Muitos dão, para alliviar a propria consciencia.

*

Quando o dinheiro vence o amor, este não era verdadeiro.

*

Não póde haver altivez, onde não ha dignidade.

*

O amor faz heróes e martyres.

*

O dinheiro só faz villões.

*

O dinheiro governa o mundo.

*

O amor enche a vida.

COLOMBINA

Maria Lacerda de Moura — CIVILIZAÇÃO — TRONCO DE ESCRAVOS — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1931 — 5$

ANTES de distribuil-o, a casa editora avisou que se tratava de um livro forte, fortíssimo mesmo, em que a autora procurava estabelecer novos horizontes para uma literatura realista, visando o proprio ambiente de nossa nacionalidade.

Era quasi dispensável o aviso, porque a autora é sobejamente conhecida como um espirito combativo e para violência. Admira, até, que, em meio á nossa pacatíssima sociedade burgueza, tivésse surgido espirito tão rebelde, cuja audacia de idéas culminára no livro *A mulher é uma degenerada*, para não citar outras obras doutrinárias, de genero identico.

Sem discutir as idéas, bôas ou más, da sra. Maria Lacerda de Moura, interessa-me a feição literaria da obra, e della sómente devo tratar, ao de leve embora, dada a angustia do espaço.

A sua eloquencia derrama-se nas paginas do livro, como a torrente das aguas que, cahindo do cimo das montanhas, leva tudo de vencida.

Tem-se a impressão, não de coisa escripta para ser lida, mas de que estamos deante de uma oradora de voz possante, flammejante, em plena praça publica, clamando contra os partidos, seitas, derribando fronteiras, negando a Patria, rasgando bandeiras...

No seu enthusiasmo acerca de um livro, ella escreve: "Affonso Schimidt é anacionalista e o seu problema é o poblema humano.

"Tudo quanto esse moço escreve, vae-nos até a alma no perfume do seu immenso espirito de solidariedade para com os que emergem desse incendio voraz denominado civilização ou progresso, para com os que sustentam o sacrifício inaudito de carregar — novos Atlas-Briaréu — o peso morto do mundo que se aproveita do trabalho alheio."

Com taes palavras, como que a autora se define a si propria. *Civilização — Tronco de escravos* é um grito de revolta de uma mulher intelligente, que não tendo o prazer de conhecer pessoalmente, porém que, na intimidade, deve ser differente da escriptora, possuir uma alma singela, terna, como a desse bonissimo Affonso Schimidt muito do meu querer, desde quando nós ambos, na Paulicéa, na redacção do Commercio, curvados sobre as mesas de pinho, ordinarias, poetavamos até mesmo escrevendo as noticias policiaes do dia...

Em resumo, um livro bem escripto, mas que não deve ser lido pelas creaturas presumidamente felizes.

Celestino Silveira — OS INTOXICADOS — ed. A. Coelho Branco F.° — Rio — 1931 — 6$

A segunda edição, que recebemos, evidenciam o interesse do publico e o successo do livro de Celestino Silveira, ultimamente apparecido.

MEIA NOITE — Flores & Mano — Benjamim Costallat — DEPOIS DA Rio — 1931 — 5$

E' a 3.ª edição do livro de Costallat, onde apparecem reunidas varias novellas da primeira phase da sua vida de escriptor.

"O que se procurou, não foi agradar ao leitor com uma narrativa: foi collocal-o deante de um quadro, um quadro verdadeiro, de todos os dias, forte de tintas e largo de factura, mas para o qual ninguem sufficiendemente olha como elle realmente é... Não é uma historia de fadas a que vou contar. O tempo de fadas acabou."

A explicação do genero do livro ahi está, feita pelo proprio autor, hoje no gozo de invejavel popularidade.

São trabalhos fortes, escriptos para espiritos fortes tambem, emancipados. Do valor do livro, acreditamos ser dispensavel o nosso juizo. Basta registar a sua 3.ª edição, prova evidente de que o publico deu merecida acolhida ás novellas nocturnas de Costallat.

Monteiro Lobato — AS REINAÇÕES DE NARIZINHO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 10$

A grande casa editora paulista, não podia offerecer melhor presente de Natal á petizada. Reunindo o volume de 306 paginas, um punhado de historias infantis de Monteiro Lobato, volume todo illustrado a côres e lindamente impresso, a meninada encontrará no livro o melhor regalo para o seu periodo de férias, divertindo-se na companhia de Narizinho, Pedrinho, Emilia, Rabicó, do Burro falante, viajando pelos mundos maravilhosos de que as creanças grandes já têm saudade!

Rafael Sabatini — O GAVIÃO DO MAR — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

A grande casa editora paulista continúa a divulgação da obra de Rafael Sabatini, na lingua portugueza. Este novo livro, que constitue interessante leitura, apparece numa edição notavel como trabalho material, agradando aos espiritos mais exigentes.

Notas de Arte

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DA PROFESSORA DE PIANO LUCIA BRANCO SOARES. — No Salão Leopoldo Miguez do I. N. M. realizou-se em a noite de 24 de novembro mais uma audição de alumnas da notável professora de piano Lucia Branco Soares. Foi executado o seguinte programma: I) Gluck-Saint-Saens — *Caprice sur les airs de ballet d'Alceste*, por Maria Victoria Monteiro de Sousa; Amani — *Oriental* e Cilea — *Dansa*, por Isolda Osorio de Almeida; Chopin — *Nocturno* e Grieg — *Carnaval*, por Lia Trompowsky Menezes de Oliveira; D'Albert — *Folha de Album* e Godard — *Bergers et Bergeres*, por Marilisa Soares; Mignez — *Nocturno* e Faulhauber — *Valsa Capricho*, por Paulita Souza Britto; Saint-Saens — *Dança macabra*, por Altamira Ribeiro da Boamorte; II) Rachmaninoff — *Melodia* e Leschetizky — *Tocata*, por Maria de Lourdes Menezes; Fructuoso Vianna — *Serenata espanhola* e Seviding — *Schezo*, por Ottilia Ferreira; Schumann — *Romança* e Liszt — *Dans les bois*, por Sylvia Tavares de Queiroz; Wagner-Brassin — *Encantamento do fogo* e Chopin — *Preludio n. 16*, por Aurea Rodrigues; Liszt — *2.ª Polonaza*, por Jacyra Bandeira Muller.

Patentearam todas as alumnas o bom aproveitamento das sabias lições da mestra, embora algumas não o fizessem integralmente: não lh'o permittiu o estado dos nervos. Mas mesmo assim se lhes póde notar a capacidade real na cultura do grande instrumento.

Abstraindo-se do grão de adeantamento de cada uma para só encarar a impressão que produziram, distinguimos muito especialmente a senhorita Maria Victoria Monteiro de Sousa, que nos pareceu pianista já preparada para começar o periodo de simples aperfeiçoamento dos predicados technicos e estheticos que possue. Revelou bôa technica e bello temperamento. Em seguida assignalamos a senhorita Jacyra Bandeira Muller, que se mostrou notável pianista de bravura, tocando com grande brilho a 2.ª Poloneze de Liszt. Deram-nos ainda fortes impressões de belleza — a senhorita M. L. M., na *Toccata*; a senhorita O. F., no *Scherzo*; a senhorita S. T. Q. em *Dans les bois*; e a senhorita M. S. na *Folha de Album*. As senhoritas I. O. A., L. T. M. O., A. B. e A. R. contribuiram tambem para o brilho e para o exito do bello sarão musical, especialmente com a execução do *Carnaval* e do *Preludio n. 16*.

Devemos registar que foram as executantes muito applaudidas, principalmente as que mais se notabilizaram, como as senhoritas Maria Victoria e Jacyra Bandeira.

A audição de alumnas de Lucia Branco foi mais um triumpho para a grande professora, que infelizmente teima em não ser a grande virtuose que podia e que devia ser...

ESPECTACULO DE ALUMNAS DAS ESCOLAS DO THEATRO MUNICIPAL. — Das classes — de aperfeiçoamento theatral, dirigido pelo m.me S. Ruberti, de canto coral, pelo m.me S. Piergili, e de bailado, pela m.me Maria Olenewa, com o concurso de elementos do Orpheon Portuguez e das alumnas da prof.ª Nicia Silva — tudo sob a direcção, digamol-o assim, da orchestra do Theatro Municipal, regida pelos maestros Francisco Braga, S. Ruberti e S. Pergili — constituiu-se o espectaculo lyrico, realizado no T. M. em a noite de 25 de novembro, sendo observado o seguinte programma: I) *Protophonia* da op. *Salvador Rosa*, de Carlos Gomes; *Scena do bosque*, da op. *Falstaff*, e *Grande scena do mosteiro*, da op. *Força do Destino* — de G. Verdi; II) *A foice* (*La falce*), egloga em 1 acto de Catalani; *Scena final* do 2.º acto da op. *Alma Allegra* (*Anima allegra*), de Franco Vittorini; III) *Gianni Schicchi*, com. em 1 acto, de Puccini; IV) Bailados: (divertissements) — *Pas classico*, de Tschaikowsky; [illegible], de Mussorgsky; *Coqueterie*, de Drigo; *Bachanal*, de Glazunow; [illegible], de Beethoven; *Dança Tartara*, de Borodini.

O que impressionou desde logo no espectaculo do Municipal foi a harmonia do conjuncto. Não percebemos nenhum deslise que concorresse para diminuir sensivelmente o bello effeito dos solos, córos e bailados. Tratando-se de alumnas, embora alguns já sejam mais ou menos profissionaes das respectivas artes, a verdade é que se portaram quasi todos á altura dos seus papeis; cantaram e dançaram sentindo e transmittindo, com mais ou menos perfeição, emoções de belleza.

Sem querer fazer distincções, mas apenas assignalar os interpretes que mais nos impressionaram não só pelo proprio valor, mas ainda pela importancia dos personagens que encarnaram, destacamos, entre as cantoras, a senhorita Nice de Araujo Jorge, encantadora voz, que viveu com muita força expressiva a figura de Nanette na *Scena do bosque* e que realizou, segundo nos informaram, o milagre de estudar em meia hora a parte de La Ciesca em *Gianni Schicchi*, afim de substituir a senhorita Nanzinha Lima, inesperadamente enferma; e a sra. Xinita Lutz, que, encarnando Zohora da eg. de Catalani, nos deu a impressão de uma verdadeira artista da scena lyrica. As sras. Yolanda Machado, como solista, e Germana Mallet em Lauretta, viveram com bôa voz e muito apreciavel arte os papeis que representaram em *Anima Allegra* e *Gianni Schicchi*. Silvio Vieira, Ernesto de Marco e Alexandre de Lucchi foram parciarios elogiaveis e elogiados das cantoras, corporificando os typos do Cegador (*falciatore*, Schicchi e Simone.

Os córos e os bailados mostraram-se quasi irreprehensiveis. E' de destacar-se o *Passo classico*, em que figuraram as alumnas Arlette Olessova, Helena Yukowa, Flora Luton, Albertina Saikovska, Adalcinia Avigon, Odette Fraga, Lucia Moscoso, Maria de La Torre e Sarah Magalhães, e ainda um numero, que nos pareceu a mais perfeita das exhibições da noite; foi o da alumna Lissy Gladys em *Coquetteric*. A musica não se ouvia só, via-se nos gestos e nas attitudes da dançarina. Parecia que os sons lhe vinham do corpo e não da orchestra, tal a synchronização dos meneios e das notas. Encantado por tanta belleza, o publico saudou a joven artista com repetidas e estrepitosas palmas.

Dizer agora da regencia de F. Braga, S. Piergili e S. Ruberti, é proclamar que mais uma vez se mostraram mestres da batuta. Graças a elles, o espectaculo adquiriu perfeição invulgar para um espectaculo de alumnas.

— Tenho uma mulher muito prudente. Quer ver tudo o que compro.
— Ao contrario da minha, que quer comprar tudo o que vê.

«Templo do Dollar», como chamam ao edificio da Bolsa.

Ha infernal azafama no edificio. O mercado de valores cahe aos pulos. A propria firma Norman Cravath, não podendo fazer frente á baixa, acaba de ser varrida, completamente arruinada. E' neste momento, quando Norman está para dar um tiro na cabeça ou sorrir amargamente ao infortunio que o cerca, que delle se aproxima a mulher:

— Vim falar-te, Norman... sobre o nosso casamento... diz Nancy, um pouco surpreza do aspecto desalinhado e tragico do marido.

— Não falemos disto agora...

— Tenho, faz falar agora como mais tarde! Tens que me ouvir, Norman. Vou abandonar-te... E' melhor separar-nos do que seguirmos assim. Fiz o possivel para vivermos em paz — mas é impossivel. Eu não devia ter casado comtigo pela fórma por que casei: foi uma falta de dignidade de minha parte, casar comtigo pelo teu dinheiro...

Norman olha para a esposa cheio de assombro. Duas calamidades cahirem-lhe em cima num mesmo dia! A catastrophe da Bolsa varre-lhe a fortuna: a mulher nega-lhe desapiedadamente o amôr! Indignado, comprehendendo num relampago de raciocinio o que Nancy tem em vista, retruca-lhe com energia:

— Sae-te daqui com a tua dignidade! Vae, corre para os braços do teu escriptor! Mas se um dia me vieres pedir perdão — eu não te perdoarei!

* * *

Dominada pela sua louca paixão, Nancy vae effectivamente ter com De-Witt. O joven recebe-a com uma inexplicavel frieza. Nancy comprehende que ha de haver alguma razão occulta para tal, e havia, sim:

CASAMENTO SINGULAR

(Conclusão)

era a sua amiga Germaine, que lá estava, em companhia do escriptor, mal tendo podido esconder-se num quarto á chegada da ex-madame Cravath...

Esta abominavel decepção transtorna por completo os planos de Nancy. Rebelde por natureza, não lhe ficaria bem, depois do rompimento com o marido, ir pedir-lhe perdão e voltar para casa. Determina, pois, ganhar a vida por si mesma. Por intermedio do millionario Sterner, obtem Nancy um logar de caixeira nos grandes magazines Sterner, que já conhecemos.

Mas o destino tem caprichos inexplicaveis. Tendo sabido do desastre de Norman, a impetuosa Nancy culpa-se a si mesma de, nesse desastre, lhe haver faltado com o seu consolo quando o esposo mais della necessitava. A sua pena, a sua comprehensão do quanto havia sido imprudente, dão-lhe agora a serenidade do arrependimento. Demais... Nancy ia ser mãe... Esse facto era a vingança do destino. Por muito que ella odiasse o marido, delle não podia esquecer-se quando tão perto de si trazia essa lembrança viva... E Nancy obrara loucamente, mas não tinha odio ao marido.

O millionario Ben Sterner, amigo de ambos, tenta a reconciliação dos esposos, sem nada obter. Norman não a receberia mais em casa, a menos que, arrependida, Nancy lhe fôsse supplicar o perdão.

De regresso da maternidade, onde a mantivera a bondade do millionario Sterner, volta Nancy ao seu emprego, no magazine referido.

Norman, que jamais soubera que a ex-esposa lhe tinha dado um filho, vae um certo dia, em companhia de Germaine, fazer algumas compras na loja onde trabalha Nancy. Esta, vendo-o em companhia da amiga, [illegible] che-se de zêlos. A uma pergunta, mais ou menos indirecta, diz-lhe Germaine que talvez se casasse com Cravath, caso Nancy não lhe negue o divorcio...

E' então que a impetuosa mulherzinha, sem nada dizer, jura a si mesma tomar uma ultima e decisiva vingança contra a amiga. Todo o seu passado orgulho será sacrificado para que a intrigante Germaine não realize o seu sonho e ambição — chamar-se um dia madame Cravath!

— Ella ha de ver! exclama Nancy de si para comsigo.

* * *

— Rompi com Germaine... diz Norman, encontrando-se com Nancy á porta do seu modesto apartamento.

— Quanto me alegro, Norman!... Mandei-te chamar porque precisamos tratar de um assumpto. Desde aquelle dia em que te falei, na loja, fiquei pensando que...

— Já sei do que se trata... Não te serei um bom partido, mas hoje, supponho, temos um pouquinho mais de juizo.

— Não creio que saibas do motivo por que aqui te chamei, adeanta Nancy com um sorriso.

— Que é, que surpreza tens para mim?

— Vem vêr... E Nancy leva Norman ao quarto onde dorme o pequenito. Os dois curvam-se sobre o berço do anjinho.

— Por que não mo havias dito antes?

— Não queria precipitar-me, Norman... sem saber se me acceitarias de novo...

A ARTE NASCEU COM A MODA

A vestimenta, nos primeiros tempos da vida do Homem sobre a terra, não foi mais que um meio de defesa contra o frio e o rigor dos raios solares; só depois o espirito religioso creou o pudor e as roupas passaram a ser tambem um requesito de modestia e decencia. Mas logo o homem e a mulher, principalmente, viram que aos vestuarios podiam ser dados certos ornatos e enfeites, e que os tecidos, primitivos e grosseiros podiam ter disposições diversas, mais adaptaveis ao corpo humano e mais agradaveis á vista.

A primeira condição importa na idéa de conforto e bem estar; é uma exigencia physica, material; a segunda, porém, já é uma manifestação, embora apenas esboçada, da Arte, no espirito humano. Já não é sómente a necessidade de cobrir o corpo por causa do sol ou das intemperies, o que é, apenas, inutil; é tambem cobril-o com garridice e com bellesa, o que é agradavel ao olhar.

Pode-se, pois, affirmar que a Arte nasceu com a Moda; antes mesmo do homem fazer a primeira esculptura ou gravar nas pedras o primeiro poema, entrelaçou "com arte" as primeiras fibras com que se cobriu e desenhou e coloriu com o succo de fructas, flores e folhas os pannos que teceu para o seu vestuario. Dahi se conclue que a tinturaria é tambem tão velha como o mundo; a diversidade de côres que offerece a natureza logo agradou ao homem que tratou de combinal-as para um prazer visual ainda maior.

Mas ah! quantos seculos de estudos e de trabalhos para chegar-se, das primitivas tinturas, á perfeição das actuaes anilinas que, além de reproduzirem todos os tons e semi-tons, matizes, nuanças, gradações dos coloridos naturaes, apresentam a vantagem de serem fixas, como as afamadas anilinas Indanthren!

A "côr fixa" foi o mais alto ideal attingido pela moderna industria de tecidos. Graças a sua fixidez, as fazendas offerecem maior "durabilidade util" isto é, durante muito mais tempo mantêm-se como novas.

E' isso que leva as senhoras economicas a procurarem sempre adquirir tecidos marcados com a etiqueta *Indanthren*, o que significa insuperada resistencia das côres, ás influencias do sol, da chuva, e das repetidas lavagens.

. . .

O CAÇULA HEROICO

(Conclusão)

[illegible] dá pelo desapparecimento do sacco quasi ao chegar ao destino. Retrocede. Pesquiza a estrada. Descobre indicios que o levam á casa dos Hatburn e lá vae ter exigindo a sua preciosa carga. Os tres bandidos recusam-se fazer a entrega. David insiste. E' inutil. Nada conseguirá. Então, todo aquelle odio sopitado, aquelle desejo de vingança suffocado tanto tempo, explodiu-lhe na alma, e uma luta de morte se desenvolve, durante a qual David attinge, com o seu revolver, os perniciosos elementos que tanto terror haviam implantado no lugar.

Ensanguentado, as vestes em tiras, o olhar turvo, assim mesmo o corajoso joven que herdara, dos seus, a bravura e a coragem, consegue arrastar-se á boléa da diligencia, conduzindo a sacca da correspondencia, guiando para a villa, onde o esperam as autoridades e a familia apprehensiva. Agora deixará de ser "David o caçula", terá a recompensa do seu sacrificio nos braços de sua velha mãe e nos de Esther...

O PRAZO

FELIPPE DUNOIS, desesperado, deixou-se cahir em um banco. Passava o dia procurando trabalho, e em parte alguma o tinham recebido. E assim levava já tres mezes...

De repente, ouviu passos e viu um homem que se aproximava... Este sem notar que Felippe estava ali, puxou um revolver do bolso... Felippe lançou-se para elle e desviou a arma... Soou um tiro, e a bala foi attingir uma arvore.

O homem, furioso, olhou-o e exclamou, convulso:

— Por que te mettes no que não te importa?

Paralisado pelo espanto, Felippe não respondeu.

— Responde — tornou o homem. — Por que te mettes em meus actos? Com que direito me obrigas a ter que tomar novamente esta resolução, que tanto me custa?

Felippe continuou mudo. Tomou um cigarro e o accendeu. A luz do phosphoro, viu, assombrado, que aquelle homem se parecia extraordinariamente com elle.

O homem proseguiu, frenético:

— Conheces os motivos que me levam a suicidar-me? Não conheces! Então? Não vaes te collocar em meu logar.

— Por que não? articulou Felippe.

O homem olhou-o espantado. Felippe continuou:

— Si quizeres, posso tomar teu logar... Precisamente occorre a coincidencia de que nos parecemos como si fossemos gemeos...

— Falas sério?

— E' claro! Estamos ambos desesperados. Não creio que seja, portanto, caso para falar brincando.

O homem ficou pensativo, aproximou-se do banco e se deixou cahir nelle. Após um momento, levantou a cabeça e disse:

— Pois bem, aceito! Escuta...

Em poucas palavras, pintou-lhe sua situação: um negocio commercial, compromettido por desastrosas especulações, e a fallencia fraudulenta lhe parecia inevitavel. Vivia só, com poucos amigos, e achava impossivel evitar o perigo.

Felipe tomou nota desses detalhes. Fez algumas perguntas, e quando estava bem ao par do assumpto, se levantou.

O homem levantou-se tambem, e, dando-lhe a mão, lhe disse:

— Desde agora passas a ser Pedro Ramier. Pareces animoso, e talvez salves uma situação que julgo desesperada... Apenas te imponho uma condição: dentro de cinco annos, dia por dia, a esta mesma hora, te esperarei aqui. Jura-me que virás!

— Juro-te! E tu, que vaes fazer?

— Não sei... Ainda tenho algum dinheiro!...

E, tirando a carteira, lhe deu algumas notas, dizendo:

— Toma parte deste para os primeiros gastos.

— Obrigado!

— Adeus e bôa sorte!

Felippe encontrou-se, com effeito, deante de uma situação sem sahida. Mas as forças desapro-

De Claude Orval

dades, que dormiam nelle, despertaram, e elle se lançou furiosamente á luta. Trabalhou sem descanso dezoito horas diarias e fez innumeras visitas... Tinha tal vontade e tal força de persuasão, que os credores, influidos e surpresos por aquella subita energia, tornaram a ter confiança nelle, e lhe deram grandes prazos para que elle pudesse satisfazer aos seus compromissos...

Felippe intensificou a empresa commercial do timido Pedro Ramier. Encontrou capitaes, e, decorrido algum tempo, se tornou um grande financista. Vivia com luxo e desfructava de commodidades e diversões, de que, durante tanto tempo, esteve privado. Ahi, onde só se sentia em seu elemento na luta cotidiana pelo dinheiro.

O tempo transcorreu insensivelmente... Uma cruel angustia atormentava Felippe... Faltava um anno para a terminação do prazo dado por Pedro Ramier...

O prazo chegava... Felippe, ás vezes, para acalmar sua angustia, pensava: "Talvez Pedro Ramier não reappareça... A vida talvez haja supprimido aquelle ser sem ventade..."

Felippe acabou se convencendo de que Pedro devia ter morrido.

Chegou, afinal, a noite fatal em que, terminado o prazo, Felippe devia comparecer ao encontro marcado. Fiel á sua palavra, se dirigiu ao local onde o esperaria Ramier, dizendo comsigo mesmo frenetico:

— Si elle comparecer, peor para elle! Lutaremos! Não estou disposto a voltar á vida antiga.

Mas, ao chegar ao logar combinado, distinguiu, na sombra, uma silhueta... Pedro Ramier approximou-se delle, extendendo-lhe a mão:

— Está bem! Cumpriste com tua palavra!

— Duvidavas que eu a cumprisse? — exclamou friamente Felippe. — Vou dar-te conta dos resultados obtidos em cinco annos de trabalho constante.

— E' inutil — tornou Ramier. — Estou ao par de tudo.

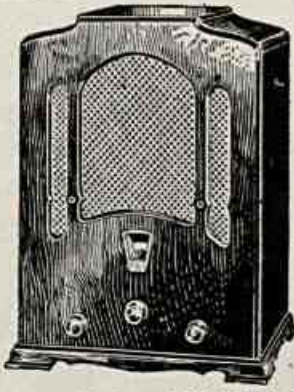
— Ah! Então?

— Então?... Eis o que resolvi...

Felippe, disposto, si fosse preciso, a estrangulal-o, o escutava livido...

Com um sorriso de troça, Pedro, que parecia adivinhar os pensamentos de seu interlocutor, proseguiu:

— Reflecti muito... Que foram para mim os annos que precederam o nosso encontro, annos de angustias, de fadigas e claudicações? Eu estava esgottado... Assim, pensei que a Providencia determinou que surgisse em meu caminho para que me substituisses na vida. E's o homem forte, nascido para a luta, para dominar no mundo financeiro. Eu, não. Agora vivo modestamente. Mas meu trabalho actual me garante a existencia, que é tranquilla, e ainda tenho meios de distrahir-me e gozar um pouco... Isso me basta... Não quero voltar ao meu posto antigo. Só saberia gastar o dinheiro que reuniste com a tua tenacidade e trabalho. Fica pois, com a personalidade de Pedro Ramier, e sê muito feliz... Adeus!...

Felippe Dubois ficou só, envergonhado do estranho sentimento de inveja que sentia e que amargava a immensa alegria que acabava de experimentar.

A ULTIMA CARTA...

MAIS uma vez Norman descançou a penna na beira do tinteiro e accendendo um perfumoso cigarro, encaminhou-se para a sacada. A noite já havia envolvido totalmente a terra no seu manto de velludo negro.

No céu, mais lindo do que nunca, salpicado de estrellas mil, a lua, pallida, tremula, qual enorme lampada branca balouçava...

Norman pensou, olhando a noite: "Que contraste com a minha alma!"

E, após haver tirado duas bôas baforadas de fumo, voltou á secretária e continuou a missiva interrompida:

"... E' como te estou dizendo: precisamos esquecer um ao outro. O Destino é um velho rabugento, senhor da humanidade. Elle não quiz que tu fosses minha; não poderias ser. E' que não foste feita para a caricia de arminho do teu beijo!

Agora, mais do que nunca, estou certo de te não vêr nunca mais.... Entretanto, fica certa tambem de que o teu vulto de fada me acompanha os passos, um a um, como si fosses tu a propria sombra que projecta o meu corpo. O calor dos teus labios móra, ainda, dentro da minha bocca vermelha e sensual, tal como no dia em que ellas se juntaram, voluptuosas, sedentas de amor...

Sinto ainda, ao redor de meu pescoço, a volupia dos teus braços roliços e nas faces e nos cabellos a caricia subtil de tuas assetinadas mãosinhas.

Como vês, tenho-te, ainda toda inteira dentro do meu cerebro.

Os meus mais lyricos sonhos são ainda povoados pela tua imagem linda de mulher divina.

E' impossivel esquecer-te!

Embora eu tenha feito esforços desmedidos para afastar-te de mim, tu me appareces sempre — visão do sonho — com esse teu angelical sorriso de Deusa, com esses formosos olhos de andaluza, cheios de mysterios!

Sabes? E' que tu entraste mysticamente dentro dos meus olhos quando eu dormia, e por isso jamais poderás deixar de estar dentro dos meus sonhos.

Nunca mais terei a ventura de ver-te! tambem, para que? Apenas a tua presença serviria para avivar, nesta minha'alma dorida, a enormissima chaga que nem mesmo o tempo poude cicatrizar.

Apesar de me desilludires, eu sempre tive um raio de esperança a illuminar-me a estrada da vida...

Mas hoje... pobre de mim!

Por Zelia Moreira

Meu amôr... que angustia infinda sinto dentro d'alma ao recordar-me dos doces colloquios que tivemos!

Por que te afastou de mim o Destino, se elle proprio me aproximou de ti?

E' mesmo assim a vida...

Toda cheia de abrolhos, toda cheia de angustia!

A estrada que hoje trilho é sombria... é recta e sinuosa; poderei eu vencel-a um dia?

Oh! sem ti, meu amôr...

Quando, naquella noite formosa de setembro, a vida nos aproximou um do outro, eu senti, dentro de mim, as sensações mais duras de ternuras e, aos poucos, lentamente, toda a minh'alma adormeceu sorrindo, embalada na terna cantiga que o amôr entoava...

E te amei... e tu me amaste! Quem diria, ao ver-nos entre caricias dulçurosas, que havia de chegar o dia fatidico da nossa separação?

Faz, já, tanto tempo... e, viva, eu trago na memoria esta cruel lembrança.

Tu me disseste adeus num soluço abafado... lagrimas de crystal perolavam-te os olhos lindos e murmuraste, baixinho:

— Até um dia, si Deus nos quizer dar esta felicidade.

Mas Elle não quiz. Já é passado tanto tempo... Mentirosa que é a vida, vês? Ella nos prometteu tantos sorrisos alviçareiros e dá-nos unicamente lagrimas de dôr.

Si nos prometteu rosas, como e por que nos offereceu espinhos? Enganadora como os sonhos é a Vida, minha amada... Casa-te amanhã.

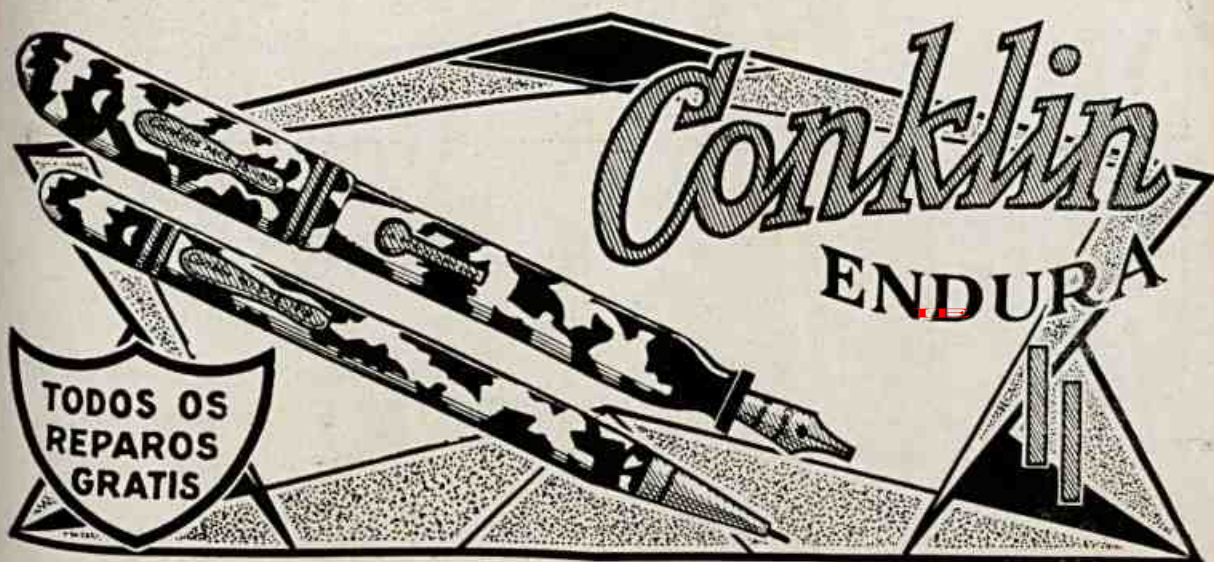
Muito breve tambem me casarei. Está, pois, findo o nosso Destino.

E' assim a vida: falaz, hypocrita, cheia de mentiras vis!

Serás de um outro homem e eu de outra mulher. Podes crêr que a felicidade não poderá, nunca, dourar-nos a existencia. Si comtigo é que está a minha felicidade... si tu a trazes dentro desses teus olhos de sonho, no calor do beijo, na caricia velludosa da tua voz... E tu tambem, minha formosa bonequinha, não poderás ser ditosa, visto como vaes unir-te a um homem que não possúe teu coração. Ouve: sei que me amas ainda... o teu depauperamento physico prova-me isto.

Mas, mesmo sem gostar do outro, sê bôa e carinhosa. Não illudas nunca aquelle que te dará o que de mais nobre tem no homem: o nome!

Eu, por meu lado, procurarei tambem adorar essa criança que vae ser minha esposa. Procurra esquecer-me; é isto preciso.

Dentro da minha vida, porém, a tua figura de mulher bonita perdurará eternamente como quando eu tinha, ainda o direito de te amar. — Norman".

O LEÃO DOS SUBTERRANEOS DE BIRMINGHAM

Frank C. Bostock, celebre domador de féras, narra esta novelesca aventura, que lhe occorreu em 1881, na feira de Birmingham, Inglaterra.

TINHAMOS em nossa *menagerie* um formosissimo leão africano, forte, vigoroso, de longas crinas. Todos o admiravam por seu aspecto magnifico. Mas o rei do deserto tinha um genio dos mais rebeldes. Suas garras estavam sempre promptas a passar velozmente por entre os ferros da jaula para alcançar alguem. Já havia morto um dos empregados e ferido varios. Com esse animal era preciso estar sempre em guarda, e as maneiras suaves e violentas tinham igual effeito sobre sua indole feroz.

A FALSA VICTORIA

Era dia de funcção, e o publico que enchia o local esperava ansiosamente o apparecimento da famosa féra.

Para fazel-a entrar na jaula, lhe dei por companheiro outro leão, que entrou tranquillamente. Mas o rebelde animal não queria metter-se alli, e dava saltos formidaveis em sua jaula, e com tal violencia, que, em um delles, separou, bruscamente, as duas jaulas e, antes que os empregados tivessem tempo de fechar a porta que communicava com a outra, o leão escapou.

Procurámos caçal-o a laço, mas a féra arrebentou as cordas e, encontrando uma sahida, se precipitou pelas ruas de Birmingham, livre furioso selvagem.

Seus formidaveis rugidos ouviam-se a longa distancia e o povo fugia, aterrado, em todas as direcções.

O terrivel animal, vendo-se á entrada dos subterraneos, por elles se metteu.

O médo da população augmentou. Repercutindo nas abobadas subterraneas, os rugidos do leão pareciam os de algum monstro fabuloso. Eu não sabia que decisão adoptar. Esperava ver apparecer, de um momento para outro, o animal que devoraria o primeiro que encontrasse e sabia que todas as culpas recahiriam sobre mim.

As pessôas que haviam accorrido a presenciar o espectaculo não me regatearam suas injurias e reprovações.

Afinal, me occorreu um estratagema para tranquillizar os animos.

Reuni meu pessoal. Fiz preparar uma jaula com um leão dentro, tapando tudo com uma grossa lona, e ordenei que a collocassem em uma das entradas do subterraneo, emquanto alguns empregados desciam lançando grandes petardos, fogos de bengala e suscitando com tambores e carracas um espantoso estrépito. A um dado momento, fingimos que o leão havia entrado na jaula e fechamos ostentosamente a porta, gritando victoria.

Em meu regresso, o publico me acolheu como a um triumphador, mas meu coração estava devorado pela angustia.

A LUTA DO MASTIM

Que seria de mim, si o leão, ainda em liberdade, sahisse de seu esconderijo?... Quem me salvaria das justas iras da multidão exasperada pela revelação do engano?

Cahiu a noite.

Resolutamente, e protegido pelas trévas, fui falar com o chefe de policia. Logo que me viu, a autoridade começou a felicitar-me por meu êxito, mas eu me apressei a interrompel-o, revelando-lhe a verdade.

— Era necessario proceder dessa maneira — disse eu — para acalmar a multidão indignada.

O chefe de policia, ao ter conhecimento do engano, se tornou furioso, mas depois recobrou seu bom senso e me perguntou:

— E agora, que fazemos?

— Necessitaria de homens valentes e bem armados á minha inteira disposição.

A autoridade deu ordens neses sentido e pouco depois quinhentos agentes estavam sob meu commando.

Dividi-os, collocando-os em cada entrada do subterraneo. Na ultima, puz uma jaula vazia com porta de móla. Depois, seguido de meus dois empregados mais valentes, eu entrei no subterraneo. A' nossa frente, marchava "Mark", um bello mastim, capaz de afrontar as maiores e mais terriveis féras, sem temer nem retroceder.

O valente cão seguia impavido, farejando o ar humido do subterraneo. De repente, deu um latido e se precipitou. Na escuridão, brilhavam dois olhos enormes.

— O leão! — gritei. — Depressa! Corra um de nós a pedir reforço!

Entretanto, uma luta tremenda, estupenda, prodigiosa, se travára entre o rei dos animaes e o modesto amigo do homem.

O cão ladrava, saltando: rugia a féra, defendendo-se. Pareciam invertidos os papeis. Chegaram reforços e teve inicio uma verdadeira batalha de bombas e fogos de bengalas para amedrontar o leão. Mas este se obstinava em lutar. Em breve, o pobre "Mark" foi alcançado pelas garras do animal feroz, e veiu gemendo, ensanguentado, pedir-me soccorro. Entreguei-o a um empregado para que o attendesse, e, decidido a acabar de uma vez com aquelle drama, cobri os braços com dois pedaços de couro muito duro que os agentes levavam para salvar a cabeça de qualquer aresta, tomei um balde de zinco em que meus empregados haviam conduzido os explosivos. Não sei como o recipiente me escorregou das mãos e cahiu ao chão, produzindo um ruido fragoroso, que os ecos do subterraneo repetiram, augmentando-o.

Surprehendido e assustado pelo insolito estrépito, a féra deu um rugido e deitou a correr desesperadamente, indo, pouco depois cahir na jaula que estava preparada para recebel-a.

E assim, com tão insignificante gloria para a majestade do rei do deserto, terminou minha estranha caçada através dos subterraneos de Birmingham.

FRANK C. BOSTOCK

RAINHA DA PRAIA (PARA E. PEDROSA)

Eu, que, talvez por preguiça, ainda não tinha assistido a um banho de mar, neste verão de mulheres lindas e deliciosas, me dispuz a acordar cedo, domingo, para assistil-o.

Entanto, quando despertei, a manhã — num sorriso para o dia — já estava quasi toda envolvida pelos raios louros do sol, de um sol tão bonito e tão suave, que parecia feito de harmonias e notas musicaes, e que ia florindo em luz, innundando a terra de claridade e de laegria, da alegria dos dias alegres e claros de verão. Ainda não havia calor, não havia ainda languor.

E a doçura aprazivel da manhã, toda clara e perfumada, agradavel como o perfume da bocca da mulher amada, trouxe-me ao espirito uma suave e deliciosa emoção.

E eu sahi manhã a fóra, rumo á praia, envolvido pelo perfume enervante que o vento, numa caricia, trazia do mar, sentindo uma louca vontade de cantar — cantar a vida, cantar a alegria gloriosa de viver, cantar a belleza das mulheres, cantar o proprio verão como as cigarras lyricas e cantadeiras de Olegario Marianno...

Ao chegar á beira-mar, a praia já esplendia, num tumultuar de pessôas e de vozes, num exhibicionismo de plasticas admiraveis...

E sob a luz já quasi morna do sol, eis que começa a passar em desfile, deante dos meus olhos maravilhados, atordoados, um deslumbrante e garrido cortejo de rosas de carne, ou de "estrellas marinhas", magnificamente tentadoras, e que iam, semi-nûas, como si fossem para uma festa pagã, florir o mar e sentir a sensação cariciosa das suas ondas, que vêm se estirar voluptuosamente sobre a areia alva da praia, em flexuosidades de sereias e nereidas, vestidas na gaze branca das espumas...

Muito tempo, eu estive parado perto do mar, meio atordoado, com um ciume e um despeito damnados das ondas esmeraldinas, que iam beijando, com as suas espumas brancas, a palpitação loucamente morena, e alva, daquelles corpos maravilhosos, capazes de nos levar ás mais adoraveis loucuras... E só sahi desse estado de atordoamento e embriaguêz, quando o teu vulto de Rainha da Praia surgiu deante de mim, revivendo, ao meu olhar de poeta deslumbrado, aquella maravilhosa Venus Aphrodite, decantada pelos meus irmãos da Grecia antiga.

E eu, vendo-te assim no fulgor majestoso de tua belleza hellenica, carregando manchas de sol nos teus cabellos claros, blandicias de luar na voz, musica nos passos e ventura nos teus olhos grandemente bellos, tive vontade de gritar escandalosamente os versos lindos daquelle grande poeta desventurado que foi Moacyr de Almeida:

Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Deusa do mar, teu vulto aclara os mares,
Fulgido como um cyatho romano
Formoso como a chamma dos altares...

Alma das vagas, no impeto vesano,
Espelha ante os teus olhos estellares...
Eis a teus pés o oceano... E' teu o oceano!
Cobre-o do verde sol dos teus olhares!

Sou o oceano... E's a aurora! eis-me de joelhos
Ainda ferido nos tufões adversos,
Lacerado de relampagos vermelhos!

Sou teu, divina! E em meus gritos medonhos,
Lanço a teus pés a espuma de meus versos,
E' as perolas de fogo dos meus sonhos...

STENIO DE SÁ

O PACTO

A' hora acinzentada do dia, a grande Avenida arquejava de cansaço, no torvelinho afanoso, e toda uma multidão cosmopolita, que borborinhava, como formigas, em torno dos autos de praça e dos "omnibus" superlotados, na disputa do terreno palmilhado, se agitava febrilmente. Ninguem parava, mesmo porque o estacionamento, na arteria allucinadora, era vedado taxativamente, pelos regularizadores do trafego, por servir de garganta, como natural escoadouro, á metropole trepidante, como que magnetizada ao furioso dynamismo do seculo. Apenas o inspector 29, antigo fiscal de vehiculos, permanecia em seu posto, immovel, desde o meio dia, a dirigir e manobrar a alavanca dos signaes "pare" e "siga", accionando e inermizando, conforme as circumstancias eventuaes do momento, aquelle mundo de apressados, em que a mescla dos mais diversos interesses fusionava a onda multiforme e zig-zagueante. Alto e masculo, olhar agudo, perucciente, porém dotado de sóbria complacencia, o inspector Samuel orçava pelos quarenta e oito annos, sem jámais haver permittido, nas duas decadas de bons serviços á vida publica, a menor transgressão ás leis disciplinares inherentes ás suas attribuições.

A cidade, velada subtilmente pelo sudario negrino da noite, parecia agonizar pelos primeiros globos luminosos, que artificiavam a restea de luz a diluir-se nas trevas, e o inspector 29, erecto no posto de commando, num segundo de tréguа, elle, que tinha cedido o melhor de sua attenção ao cosmorama tremendo, volveu para si mesmo: era a familia, aquelles por quem queimava as energias gastas em tão sacrificante encargo, a esposa querida, mãe dos homemzinhos já iniciados na labuta tormentosa e ingrata, a que estão condemnados os pequeninos sem fortuna...

E a filha, a loira Bessy, lindo botão que despontava na promettedora fragrancia das suas dezoito primavéras, plenas de mocidade e frescura!

Os labios do velho policial, agrosseirados pelo apito metallico, que não abandonava, a essa celestial visão, divinizada pelo affecto votado á joven estremecida, debuxaram leve sorriso, contrastando-lhe a immutavel aspereza physionomica. E' que Bessy, o seu maior orgulho, soubéra virar a cabeça de trefego citadino, amava e era noiva... Foi nesse segundo de abençoada vocação espiritual que se deu a desgraça irreparavel.

Um pequeno do commercio, cheio de encommendas, ao atravessar a rua, viu-se colhido e esmagado pelas rodas assassinas de um automovel, dirigido imprudentemente pelo seu conductor, que procurava ganhar gorda propina, no caso de alcançar o transatlantico encostado ao cáes. Rapido, despertado para o brutalismo impressionante da scena, o guarda Samuel ainda viu retirarem a infeliz criança, o corpinho todo mutilado e sangrento, de sob as pesadas rodas. O "chauffeur", já muito seu conhecido, dadas as reiteradas infracções, o "Corisco", como era chamado no meio, ainda teve um gesto para escapar á grave responsabilidade, mas o inspector 29 havia-o segurado, solidamente, com as mesmas mãos imperativas e irreductiveis de sempre, fzendo-o experimentar horrivel frialdade através a columna vertebral... Era necessario acalmar os animos exarcebados, em meio á justificada indignação, e o inspector, sustentando o criminoso com a esquerda, dominava o palco dos acontecimentos, arrefecendo a colera da multidão.

— Senhores, calma! Eu vos asseguro, á minha fé de soldado, e destes cabellos engrizalhados aqui, onde me encontraes o dia inteiro, que levarei o assassino!...

E, vagaroso, vacillante como o seu dirigente, o desastrado "Corisco", o auto criminoso foi rompendo a multidão rumorejante que o enchia de apôdos...

O, 1059, magnifico automovel, que tivéra a infelicidade de occasionar a triste occorrencia, seguia em meia marcha, guiado pelo proprio "Corisco", que trazia a seu lado, como o leitor intelligente já percebeu, o inflexivel inspector Samuel. Um empallidecimento de morte cobria-lhe o rosto gelado, á perspectiva do castigo imminente. Tremulo de medo, elle mesmo caminhava para o captiveiro, que o aguardava, forçado pelo braço forte da lei, ali descansado, bem junto a si, por vezes modificando a direcção do volante...

De Gomes Netto

De subito, ao dobrar relampagueante de uma esquina de rua deserta, o "Corisco", que permanecia mudo, os olhos fixos no imaginario, volveu, supplice, para o policial:

— Deixe-me ir... inspector. Foi casual o desastre, e não posso pagar tão dura pena...

Uma risada, fria como a justiça impiedosa dos homens, acolheu o dorido rogo do que implorava misericordia.

— Então, meu malandro, matas alôa, pela tua negligencia, e ainda tens audacia de pedir que te solte?!

— Mas...

— E' desnecessario argumentares. Ademais, não costumo transigir com assassinos. Apressa-te!

— E' que... eu... ia casar-me...

— Não insistas, tratante. A enxovia, por um bom par de annos, te servirá de esposa.

— Guarda!

Os dedos alongados do "Corisco" crisparam-se nervosos, no "guidon", como se estivesse estrangulando a garganta de alguem que lhe roubava com tamanha indifferença a felicidade...

— Que é isso?! Diminue a marcha, ou...

O carro fatidico, desviado propositadamente do caminho pelo seu motorista, havia ganho extensa estrada em vertiginosa carreira.

O velho Samuel percebeu a terrivel cilada e comprehendeu, num relance, a dolorosa contingencia a que fôra levado pela fatalidade.

O "Corisco", como si diabolico poder lhe houvesse obscurecido a razão, cégo de odio, imprimia toda velocidade ao carro, numa fuga indescriptivel, em que barrancos e obstaculos não eram respeitados. Os seus olhos, pardos e pequeninos, fuzilavam de loucura e, em certo momento, quasi se espatifava sobre um vagaroso carro de bois...

— Por Deus, ou páras este demonio, ou te estouro os miolos — praguejou o inspector, os olhos fóra das orbitas.

Uma gargalhada funesta fel-o estremecer dos pés á cabeça.

— Mata-me, covarde, si tens coragem! Descarrega o teu "Nagant"... cão, porque seremos dois a morrer...

E, então, Samuel pensou nos filhos, na mulher... Na "outra", que desconhecia, e pela qual o "chauffeur" desvairado ia sacrificar a sua vida...

— Ouve lá — disse elle, mal podendo articular com a ventania deslocada pela corrida da morte: — eu te soltarei...

— Ah, tens medo?! Garanto-te que para o carcere não irei. Antes iremos, os dois, para o necroterio...

— Sim, pela primeira vez, vou mentir á lei, por amor aos que me são caros.

— Vamos! — rugiu o "Corisco" — temos cinco minutos. No fim desta estrada... ha um precipicio e só te sobram poucos segundos de vida...

— Estás solto, em nome do inspector 29 — regougou, com um soluço na garganta, suffocado, o inspector.

— Jogue o "revolver" fóra e jure.

— Bem, eu juro... que não te perseguirei...

— ... e que nunca falarás a ninguem no assumpto.

— Nunca falarei a ninguem...

— Agora, dá-me a tua mão, para que o juramento seja sellado honrosamente...

As duas mãos, uma manchada pelo sangue de um innocente e outra maculada pela perversão da lei, estreitaram-se, rancorosas. Ao mesmo tempo, ouviu-se um grito de pavor, que o abysmo fundo e feroz repercutiu pelas quebradas e circumjacencias do valle ensombrado, e o auto fatal, revoluteando no espaço, macabro, resvalou pelo despenhadeiro monstruoso, retorcendo as ferragens já destroçadas e massacrando aquellas duas consciencias, cujo pacto sinistro a morte sellára com o seu inviolavel osculo.

S O L I D Ã O

Personagens: André e Josepha.

Josepha. — Estiveram aqui, primeiro, o senhor Vilalva e depois o senhor Argemiro, que perguntaram pelo patrão, dizendo que o esperavam no "Indostão".

André. — Bem... Si telephonarem, dize-lhe que não virei em casa hoje.

Josepha. — Ah... Bem dizia eu!... Quando vi que o senhor voltava com tantos embrulhos, pensei: "Adeus!... Elles hoje vão ficar sem o senhor André, no "Indostão". E, perdôe o atrevimento, mas quasi me alegro.

André. — Por que, Josepha?

Josepha. — Si o senhor não se offende...

André. — Por que me hei de offender?

Josepha. — Pois é porque não gosto nem do senhor Vilalva, nem do senhor Argemiro... Troçam de tudo, e nada respeitam... E, depois, mal chegam aqui, começam logo a abrir armarios e tirar delles o que lhes convém... Tres gravatas levou, o outro dia, o senhor Gustavo, e eu indignada por não poder dizer-lhe quatro verdades!... E si é o senhor Argemiro, vae logo enchendo os bolsos de charutos, e bebendo do melhor vinho que encontra, e remexendo todas as gavetas do escriptorio... Olhe, senhor André: o outro dia eu tinha o sangue tão quente, que estive na imminencia de gritar-lhe: "Mas, o senhor é amigo do senhor André ou um revistador publico?"... Em tudo elle mette o nariz! ... E como eu vi o senhor nascer e estou nesta casa ha tantos annos, e me lembro do que me recommendou a pobre senhora — que Deus a tenha! — fico triste, como si tudo isto fosse meu...

André. — Tens razão, Josepha... Eu tambem o notei... Mas, que havemos de fazer?... Para quasi todos os homens, o ser *amigo* é um titulo que dá direito ao saque: de intelligencia, de honra ou de dinheiro... Cada qual tira disso o que póde... E si estás alerta e não te deixas roubar, adeus amizade!...

Josepha. — O senhor parece o vigario da minha terra, quando dizia o sermão dos domingos!...

André. — E não sabes que o que esmaga a minha solidão é a certeza de que ninguem me quer, de que ninguem se aproxima de mim sinão por interesse.

Josepha. — Lá isso não, senhor André!... Pelo menos, ha uma pessôa que o estima de verdade e seria capaz de atirar-se ao fogo pelo senhor... Eu!

André (*tocando, carinhosamente, no hombro de Josepha*). — Sei disso, Josepha, e, assim pensando

resolvi passar aqui a noite de Natal... E' uma festa de familia... e eu não tenho familia! E' festa do lar... e eu não tenho lar!... Eu tenho até vontade de chorar, como um menino abandonado. (*Enxuga os olhos*).

JOSEPHA (*com respeitosa confiança*). — Escute, senhor André: eu creio que o senhor deve ter isso a que chamam *neurasthenia*, e que só dá nos ricos... Então, não ha de haver pessôas bôas no mundo?

ANDRÉ. — Nunca as encontrei.

JOSEPHA. — Pois eu as tenho encontrado aos milhares... Tudo consiste em saber descobril-as, em ter olhos *no coração*, que são os que não enganam...

ANDRÉ. — Que falta me fazem esses olhos a que alludes! Póde ser que appareçam com os annos... E agora, Josepha, vae desamarrando os embrulhos. Trago presunto, mayonese, castanhas, nozes, passas, pão doce, vinho, *champagne*, fructas, doces... Prepara a mesa com a melhor toalha que haja em casa. Põe muitas flôres, louça bôa, crystaes...

JOSEPHA. — E quantos pratos?

ANDRÉ. — Dois.

JOSEPHA (*desconfiada*). — Dois?!... Então espera alguem... algum convidado?...

ANDRÉ. — Não: já está em casa. Meu convidado és tu.

JOSEPHA (*persignando-se*). — Virgem do Bom Conselho!... O senhor enlouqueceu!... (*Confusa*). Perdôe, senhor André: quiz dizer...

ANDRÉ. — Não, Josepha: nunca estive mais em meu juizo do que neste momento... Quero que fiques ao meu lado: que sinta eu, nesta noite de Natal, pela primeira vez desde que morreu minha mãe, o calor de um affecto desinteressado... Verás como vamos divertir-nos!... Tu me falarás de tua terra, e essa conversação me trará o sadio perfume dos bosques, o cheiro bom da natureza, limpo, fresco, puro, que fará bem ao meu coração...

JOSEPHA (*tremula de alegria*). — Senhor André!... O senhor é o melhor homem do mundo!... Deus lhe dê felicidade!

ANDRÉ. — Vamos, Josepha... Não te disse que quero estar muito contente?... Vae preparar a mesa... E, ao *champagne*, brindaremos: tu, ao que quizeres; eu... á solidão que trago nalma!...

FANFRELUCHE

OS DANSARINOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

Holmes esfregou as mãos, e pôz-se a rir muito satisfeito.

— O nosso material vae se accumulando rapidamente — disse elle.

— Tres dias depois, nova missiva collocada debaixo de uma pedra sobre o relogio de sol. Aqui está; os signaes são, como vê, perfeitamente iguaes ao ultimo. Então resolvi-me a espreitar, peguei no meu revolver, e installei-me no escriptorio d'onde se domina o terreiro e o jardim. Pelas duas horas da manhã, estava eu sentado ás escuras ao pé da janella, e lá fóra brilhava o luar, quando senti passos por detraz de mim: era minha mulher em robe de chambre; pediu-me que me fosse metter na cama. Disse-lhe francamente que eu estava alli, porque desejava saber quem nos fazia aquellas partidas. Respondeu-me que aquillo era uma brincadeira sem importancia, com a qual me não devia inquietar.

"— Se realmente tudo isto o incommoda Hilton, podiamos ir fazer uma viagem, e evitar estas sêcas.

"— Como! Deixarmos assim a nossa casa por qualquer gracejo de mau gosto? — disse-lhe eu. — Toda a gente aqui nos arredores ficaria rindo á nossa custa!

"— Pois bem, vá se deitar — disse ella — amanhã falaremos.

"De repente, quando ella se afastava, vi, á luz da lua, que ella empallidecia, e me apertava o hombro com a mão. Havia o quer que era que mexia na sombra perto da casa das ferramentas. Distingui uma forma escura que se arrastou para um canto, e se sentou diante da porta. Pegando no revolver, ia a sair, mas, minha mulher abraçou-me e reteve-me com movimentos convulsivos. Quiz repellil-a, mas agarrou-se a mim desesperadamente. Afinal fiquei livre, mas quando abri a porta, e cheguei á casa das ferramentas, o homem tinha desapparecido!

"Todavia tinha deixado vestigios da sua passagem, pois que lá estava na porta um grupo de dansarinos parecido com os outros que já por duas vezes tinham apparecido, e reproduzi-os neste papel. Corri toda a propriedade, mas não achei nenhum outro vestigio do sujeito; mas o que é mais espantoso, é que elle com certeza lá ficou, porque no dia seguinte de manhã ao examinar a tal porta achei por debaixo da anterior uma nova fila de bonecos.

— Tambem tem esse novo desenho?

— Tambem, mas é muito curto; ainda assim tirei esta copia.

Apresentou outro papel. A nova dansa tinha esta fórma.

— Diga-me — disse Holmes, e percebi na cara quanto elle se interessava pelo assumpto — era uma simples addição á primeira inscripção, ou estava inteiramente separada?

— Estava escripta n'outra parte da porta.

— Muito bem! De tudo é isto o mais importante; é esta a informação que melhor nos ha de servir, enche-me d'esperança. E agora, sr. Hilton Cubitt, continúe o seu interessante depoimento.

— Nada mais tenho a dizer-lhe, sr. Holmes, senão que fiquei contrariadissimo por minha mulher me ter prendido n'aquella noite em que me teria sido tão facil apanhar o tratante. Disse-me ella que tinha medo de que me acontecesse alguma desgraça, e atravessou-me o espirito a suspeita de que era pelo outro que ella mais receava, porque já me era impossivel acreditar que ella não conhecesse aquelle homem, e não comprehendesse os seus exquisitos signaes. Mas havia taes inflexões na sua vóz, e tal expressão no seu olhar, que senti que era só por mim que ella temia. Eis tudo; agora desejo saber a sua opinião sobre o que tenho a fazer. A minha tenção é mandar pôr na propriedade uma duzia dos meus creados, que hão-de dar tão grande sova no velhaco quando alli voltar, que não nos incommedará mais para o futuro.

— Parece-me que o remedio é demasiadamente simples para coisa tão grave! — disse Holmes — Quanto tempo pode o senhor demorar-se em Londres?

— Preciso ir para casa hoje, não quero deixar minha mulher de noite só; anda muito nervosa, e pediu-me que voltasse quanto antes.

— Tem razão, mas se o senhor cá pudesse ficar, d'aqui a um ou dois dias poderia eu ir comsigo. Entretanto deixe-me cá estes papeis, e espero que dentro em pouco lhe farei uma visita esclarecendo o seu negocio.

Sherlock Holmes conservou a serenidade profissional das suas maneiras até á sahida do nosso visitante, ainda que me era facil, a mim que tão bem o conhecia, vêr que o seu interesse pela questão estava elevado ao mais alto gráu. Apenas desappareceu a grande figura de Hilton Cubitt, precipitou-se o meu amigo para a mesa, estendeu sobre ella os papeis com os desenhos dos bonecos, entregando-se a calculos intrincadissimos. Contemplei-o durante duas horas enchendo folhas em branco com letras e algarismos. Estava tão absorto no seu trabalho que evidentemente se esquecera que eu alli estava. Por vezes quando estava na boa pista, punha-se a assobiar ou a cantarolar emquanto trabalhava; n'outras occasiões parecia intrigado, a testa cheia de rugas, os olhos tornavam-se-lhe vagos. Afinal saltou da cadeira, e soltando um grito de triumpho começou a passear na sala esfregando as mãos. Em seguida escreveu um longo telegramma n'um impresso do telegrapho.

— Se a resposta for como eu espero, vae ter, Watson, um lindo caso para juntar á sua collecção. Espero que possamos ir amanhã a Norfolk levar ao nosso amigo noticias exactas a respeito dos seus dissabores.

Confesso que me devorava a curiosidade mas como sabia que Holmes não gostava de dar parte das suas descobertas senão num dado momento e conforme lhe convinha, esperei que chegasse a occasião de me fazer a confidencia.

A resposta do telegramma fez-se esperar, e durante dois dias conservou-se Holmes sempre alerta a cada campainhada que ouvia. Na noite do segundo dia chegou uma carta de Hilton Cubitt; tudo lá estava em socego, mas nessa manhã tinha encontrado um grande letreiro escripto sobre o pedestal do relogio de sol. Remettia-lhe inclusa a copia que reproduzo abaixo.

Holmes inclinou-se alguns instantes sobre aquella pintura; de repente levantou-se dando um grito de surpreza e inquietação. A sua physionomia traduzia uma pungente angustia:

— Deixamos adeantar demais este negocio! — disse

(Conclúe na pagina seguinte)

elle — Haverá comboio que nos leve esta noite a North Walsham?

Folheei o horario; acabava de partir o ultimo.

— Então amanhã almoçaremos cedo e tomaremos o primeiro comboio da manhã. E' urgentissimo a nossa presença alli. Ah! cá está o desejado telegramma!... Espere um instante, Mistress Hudson, talvez tenha resposta. Não, está tudo como eu esperava!... Esta mensagem ainda torna mais necessaria a nossa viagem, porque é preciso dar a saber a Hilton Cubitt em que situação difficil se encontra.

Esta opinião era absolutamente justificada, como o provará o desenlace desta historia, cujo começo se me afigurou tão pueril, e cujo final ainda hoje me aterra.

Ser-me-ia bem mais agradavel dar aos meus leitores uma conclusão menos dramatica; mas como simples chronista de factos verdadeiros, acho-me na necessidade de seguir esta enfiada de acontecimentos que deram á Riding Thorpe Manor alguns dias de celebridade em toda a Inglaterra.

Logo que sahimos do comboio na estação de North-Walsham, apenas indicamos para onde iamos, logo o chefe da estação se dirigiu a nós.

— Os senhores são sem duvida os *detectives* de Londres? — disse elle.

Pela cara de Holmes passou uma expressão de susto.

— Porque julga isso?

— O inspector Martin, de Norwich, chegou agora mesmo. Talvez os senhores sejam os medicos? Ella não está morta, ou pelo menos não o estava até ás ultimas noticias talvez cheguem a tempo de a salvar, ainda que seja para a forca.

O rosto de Holmes entristeceu-se ainda mais.

— Vamos a Riding Thorpe Manor, disse elle, mas não sabemos nada do que lá se tem passado!

— E' uma coisa terrivel! — disse o chefe da estação — O sr. Hilton Cubitt e sua mulher foram victimas de uma tragedia. Ella matou-o a tiro, e em seguida suicidou-se, dizem os creados. Elle está morto, e o estado della é desesperador. Santo Deus! Santo Deus! Uma das mais antigas e respeitaveis familias de Norfolk!

Sem perder tempo em palavras vãs, Holmes subiu para uma carruagem, e durante o trajecto de sete milhas, manteve-se em obstinado silencio. Raras vezes o vi tão preoccupado.

Tinha estado inquieto toda a viagem, e notei a especial attenção que dava á leitura dos jornaes da manhã; mas em vista da rapida realização dos seus receios ficou inteiramente acabrunhado. Recostou-se ás almofadas, e ficou entregue aos seus pensamentos.

Entretanto, a paizagem que iamos atravessando não era destituida de pittoresco, porque estavamos numa região de um caracter bem especial, onde as casas de campo, espalhadas aqui e alem, representavam o nosso tempo, emquanto que os pesados campanarios, erguendo-se na planicie, através da verdura, evocavam a antiga prosperidade do Leste da Inglaterra.

Emfim a linha violacea do Mar do Norte destacou-se na costa verdejante de Norfolk, e o cocheiro apontou com o chicote para os dois velhos torreões de tijolo que despontavam dum pequeno bosque.

— Alli está o solar de Riding Thorpe — disse elle.

Quando nos aproximamos do portão, reparei que do lado do terreiro do *tennis* estava o sombrio casebre que servia de arrecadação de ferramentas, e o relogio de sol, que tinha representado tão importante papel.

Um homemzinho muito bem vestido, de maneiras desembaraçadas, bigode encerado, descia dum *dog-cart*. Disse ser o inspector Martin, da policia de Norfolk e pareceu muito admirado ao ouvir o nome do meu amigo.

— O crime praticou-se esta noite ás tres horas da manhã, sr. Holmes. Como poude ter noticia delle em Londres e chegar aqui ao mesmo tempo que eu?

— Eu previa-o, e vinha na esperança de o impedir.

— Devia então ter indicios muito graves que nós ignoramos, porque dizem que era um casal muito unido.

— Tenho um unico indicio, o dos bonecos que dansam... Depois explicarei isso. Agora, visto ser tarde para evitar o drama, só quero me utilisar dos dados que possuo para que se faça justiça. O senhor quer que façamos o inquerito juntos, ou que eu trabalhe á minha vontade?

— Eu teria muita honra em me associar ás suas diligencias, sr. Holmes — disse o inspector com convicção.

— Nesse caso, convem que sem mais demora eu reuna as provas, e examine a casa, e todas suas dependencias.

O inspector Martin teve o bom senso de deixar meu amigo proceder como entendia, contentando-se em tomar cuidadosamente nota dos resultados do inquerito. O medico da localidade, velho de cabellos brancos, sahia precisamente do quarto de Mistress Hilton Cubitt, e declarou que os seus ferimentos, apesar de serem graves, não lhe pareciam mortaes.

A bala roçara pelo craneo, e, sem duvida a victima estaria ainda muito tempo sem recuperar os sentidos; alem disso, não se atrevia a pronunciar-se, sobre si tinham atirado sobre ella, ou se ella propria se tinha ferido.

O tiro fôra dado á queima roupa.

Não se achou no quarto senão um unico revolver do qual só faltavam duas cargas. Hilton Cubitt tinha o coração atravessado pelo projectil, e era impossivel affirmar qual dos dois tinha atirado sobre o outro, porque o revolver estava no chão a egual distancia do marido e da mulher.

(*Continuação no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500